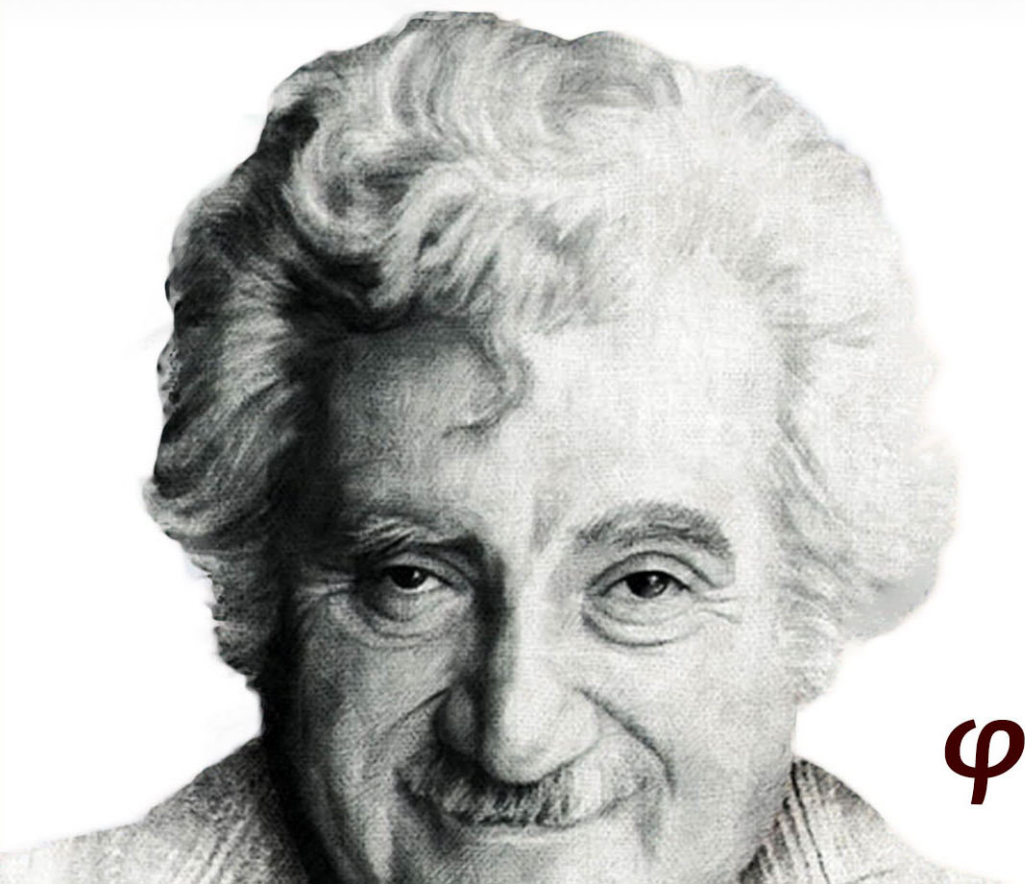


Wanderson Salvador F. A. Campos

O Sublime e o Grotesco à flor da pele

Literatura, corpo e teologia em Jorge Amado.



φ

O texto de Wanderson pergunta pelas palavras sussurradas entre grunhidos, palavras ouvidas por um pescoço chupado, palavras podres/grotescas... palavras do corpo de amante: pode ser uma empregada doméstica, podia ser dona Flor. Que palavras são essas do universo que se aproximam tanto do mais ordinário da vida? Rudes e podres não como defeitos ou ausências, mas como excesso? Demasiada vida nada sublime. A ideia clássica de sagrado como algo totalmente outro, faz da experiência religiosa uma experiência de ruptura com o ordinário e cotidiano. A experiência religiosa se caracterizaria pela instauração de uma ordem inteiramente diferente das realidades naturais e por isso mesmo “sublime”. Wanderson vai buscar na literatura, e em especial em Jorge Amado, uma possibilidade de escapar do sublime fruto da redução teórica. Ao escolher “qualquer podridão do universo” como lugar de sua pergunta humana e teológica o autor faz a ruptura com as idealidades fenomenológicas dos estudos da religião e suas sublimes quinquilharias e vai entrar pela porta estreita das teologias do corpo, mas não por qualquer porta e sim pela teologia da libertação porque é de corpos e gemidos que se trata.



O Sublime e o
Grotesco
à flor da pele

Direção Editorial:

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico:

Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro (UMESP)

Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira (UMESP)

Dr. Paulo Ayres Mattos (UMESP)

Wanderson Salvador F. A. Campos

O Sublime e o Grotesco à flor da pele

Literatura, corpo e teologia em Jorge Amado.

φ editora fi

Diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni

Revisão: Kedma Ladeira Mendonça Pinto



Todos os livros publicados pela
Editora Fi estão sob os direitos
da Creative Commons 4.0

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

CAMPOS, W.S.F.A..

O sublime e o grotesco à flor da pele: literatura, corpo e teologia
em Jorge Amado. [recurso eletrônico] / Wanderson Salvador F.
A. Campos -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
87 p.

ISBN - 978-85-5696-024-5

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Teologia. 2. Literatura. 3. Corporeidade. 4. Jorge Amado.
I. Título.

CDD-204

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia e Ensaio 204

Para *Kennie*, que me faz bem.
Para os corpos que desejam ser inteiros.

CAMINHO À FRENTE

APRESENTAÇÃO: UMA CONVERSA ESPECIAL.....11

PREFÁCIO: QUANDO TEOLOGIA E LITERATURA
SE ENCONTRAM.....14

PRIMEIRAS PALAVRAS18

Introdução23

O romance.....24

Divisão da Obra.....25

Personagens.....27

Vadinho: Sexo, jogo e boemia.....28

Dona Flor: amor, desejo e dúvida.....31

Teodoro: Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar...33

As transformações de dona Flor35

A TEMÁTICA DO CORPO NA LITERATURA DE
JORGE AMADO41

Introdução41

O Corpo na literatura de Jorge Amado: Sexualidade e liberdade	42
O corpo de Gabriela: O cheiro de cravo e cor de canela	46
O corpo de dona Flor: Inteiro como debes ser.....	51
O tempo de viuvez: O recato e a carência	53
O ambíguo que a torna inteira.....	59
 DONA FLOR: CORPO E PLURALIDADE.....	66
Dona Flor e os dois caminhos: o sublime e o grotesco	67
O caminho sublime.....	68
O caminho grotesco.....	72
O caminho plural	75
 PALAVRAS FINAIS	79
 REFERÊNCIAS	83

APRESENTAÇÃO: UMA CONVERSA ESPECIAL

TÁXI

O poeta passa de táxi em qualquer canto e lá vê
o amante da empregada doméstica a sussurrar
em seu pescoço qualquer podridão do universo

Como será o amor das pessoas rudes?

O poeta não se conforma de não conhecer
todas as formas da delicadeza.

(Cacaso)

O texto de Wanderson pergunta pelas palavras sussurradas entre grunhidos, palavras ouvidas por um pescoço chupado, palavras podres/grotescas... palavras do corpo de amante: pode ser uma empregada doméstica, podia ser dona Flor.

Que palavras são essas do universo que se aproximam tanto do mais ordinário da vida? Rudes e podres não como defeitos ou ausências, mas como excesso? Demasiada vida nada sublime.

A ideia clássica de sagrado como algo totalmente outro, faz da experiência religiosa uma experiência de ruptura com o ordinário e cotidiano. A experiência religiosa se caracterizaria pela instauração de uma ordem inteiramente diferente das realidades naturais e por isso mesmo “sublime”. Wanderson vai buscar na literatura, e em especial em Jorge Amado, uma possibilidade de escapar do sublime fruto da redução teórica. Ao escolher “qualquer podridão do universo” como lugar de sua pergunta humana e teológica o autor faz a ruptura com as idealidades fenomenológicas dos estudos da religião e suas sublimes quinquilharias e vai entrar pela porta estreita das teologias do corpo, mas não por qualquer porta e sim pela teologia da libertação porque é de corpos e gemidos que se trata.

Interessa o amor das pessoas rudes.

Interessa todas as outras formas de delicadeza.

O texto de Wanderson apresenta duas promessas e uma inquietação.

A conversa entre teologia e literatura já é comum entre nós. Wanderson atualiza esta alternativa reforçando a metodologia do deslocamento das fontes clássicas da teologia. A autoridade bíblica, a autoridade da tradição, a autoridade dos pais da igreja e dos pais fundadores ou dos sistemáticos de plantão precisam conviver com outras bases de interlocução para além do controle da teologia mesmo. Esta a promessa: fazer conviver as fontes disponíveis na cultura e na história fazendo oxigenar assim o alcance das teologias. A manutenção das chamadas tradições autoritativas só interessam ainda àqueles que não sabem, não querem e/ou têm medo de deixar o sagrado se

dizer numa dobra fantástica de uma página divertida da literatura latino-americana.

A outra promessa é de levar até as últimas consequências a radicalidade da encarnação do evangelho de Jesus. Tomar as motivações dos corpos de cruz e paixão, de ressurreição e glória, sem se deixar submergir pela metafísica rasa de filosofias e antropologias cansadas, assexuadas e chatas. O texto de Wanderson chama os corpos a dizerem sua Palavra. É de Palavra sobre corpos que se trata a revelação. Aproximar o sublime do grotesco sem criar hierarquias é uma possibilidade vital para as teologias da libertação entre nós.

A inquietação é aquela de querer conhecer todas as formas de delicadeza. No texto de Jorge Amado é ele “homem” que diz dela “dona Flor”. O texto é a fala de um homem sobre o que poderia ser que fosse uma mulher e seus desejos, e suas resoluções míticas. Mas é Jorge quem diz a palavra de Flor. Queria eu escutar o corpo de Jorge se dizendo em Vadinho e/ou Teodoro, não através dos olhos dela, mas uma fala sexuada - sublime e grotesca – de homem. Mas se o leitor/a prestar atenção e se inquietar como eu, escutará o corpo de Wanderson dizendo uma Palavra dele: uma teologia do masculino não patriarcal. Uma promessa comprida ainda por se cumprir.

Boa Leitura!

Nancy Cardoso Pereira

Doutora em ciências da religião e agente da
Comissão Pastoral da Terra no Mato Grosso.

PREFÁCIO: QUANDO TEOLOGIA E LITERATURA SE ENCONTRAM

Pensar as dimensões da vida e da fé de forma autônoma, livre de dogmas e imposições eclesiais é a aventura espiritual que Wanderson Salvador Francisco de Andrade Campos nos convida a ter com o seu belíssimo trabalho *O sublime o grotesco à flor da pele: literatura, corpo e teologia*.

O texto que Wanderson ora nos apresenta - e que tive o prazer e o privilégio de acompanhar como orientador da pesquisa - é uma significativa contribuição

para as pessoas que desejam amar a vida, a teologia e a literatura. Fruto de pesquisa desenvolvida na Universidade Metodista de São Paulo, com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq), o livro fala da beleza e da profundidade da literatura de Jorge Amado, que honra a alma brasileira e dispensa apresentação. A ênfase da obra é a encantadora figura de Dona Flor, personagem de destaque na obra de Jorge Amado, e a história de amor dela com seus dois maridos. Como se sabe, o corpo é elemento central na obra deste renomado romancista e Wanderson soube captar muito bem a magia que une o romance e a teologia.

A obra que agora chega às nossas mãos é muito mais do que uma contribuição ao mundo teológico. É uma reflexão relevante para o universo acadêmico em geral, assim como também para pessoas e grupos interessados em estudos interdisciplinares e amantes da literatura e da antropologia. O texto se torna ainda profundo, pois é permeado com a beleza da poesia, da sensibilidade humana, da linguagem nova, instigante, provocativa e criativa daquele que busca novas interpretações e utopias, como é o caso de Wanderson. O encontro entre teologia e literatura é encantador. As páginas desse livro certamente confirmarão tal perspectiva. Wanderson, com habilidade acadêmica e sensibilidade espiritual, revela caminhos teológicos singulares e desafiadores com essa obra, que tive o prazer de acompanhar desde a sua gênese.

O primeiro contato que tive com o encontro entre teologia e literatura foi quando vi/li *A Sombra Luminosa: ensaios de estética cristã*, de Armindo Trevisan (Vozes, 1994/5). Depois seguiram tantos outros, e um deles é o trabalho que agora está diante de nós. Na época, Trevisan me disse coisas que eu já sabia, mas que nas palavras dele ficaram mais ‘cortantes’, como a metáfora relativa à

Palavra de Deus, segundo os cristãos. Ele me lembrou, por exemplo, que o teólogo Paul Tillich, repetidas vezes, nos disse que apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional. Talvez, por nos esquecermos disso, nossas teologias falem muito da igreja, da religião, do socialismo, do mercado, mas muito pouco de Deus e do seu profundo amor pelo mundo. Trevisan também me lembrou que Martin Buber nos dissesse que o ser humano é linguagem. Ou seja, não é a linguagem que está no humano, é o humano que está na linguagem. Somos textos para serem interpretados. E, além disso, Buber conjuga a vida sempre no plural, é o Eu e o Tu, a arte é divina e humana, a ética é estética e Deus tem muitos caminhos... Wanderson nos faz pensar mais profundamente a fé, talvez porque tenha trilhado outro caminho, que não os dogmas e conceitos tradicionais.

Wanderson trilhou os caminhos do encontro entre fé e cultura, entre sexualidade e existencialidade e o da abertura da teologia para além das confessionalidades. Reconhecemos que no campo teórico em geral encontramos uma forte limitação da teologia cristã que é o seu aprisionamento por parte das igrejas. Isto tem imposto a produção teológica danos irreparáveis. Em primeiro lugar, pela primazia da produção confessionalista em detrimento da ecumênica. As agendas de cada igreja em particular são reforçadas e as questões relevantes da humanidade e da sociedade são destinadas a um segundo plano. Em segundo lugar, danos pelo não estímulo de uma cultura plural, de criatividade e de liberdade. Wanderson soube buscar e desfrutar desses caminhos e nos brinda com análises teológico-literárias fundamentais para a abertura de horizontes no campo da teologia e das ciências da religião.

A literatura não é necessariamente inimiga dos conceitos, das visões sistemáticas, da perspectiva objetiva e retilínea da vida. A teologia pode conviver com ambas.

Todavia, é preciso reconhecer que a literatura talvez revele mais profundamente "a vida como ela é", no dizer de Nelson Rodrigues. Os conceitos, por melhor elaborados que possam estar, não expressam devidamente a ambiguidade humana, as incertezas da vida, a dor das vicissitudes, as tempestades da alma, os prazeres do corpo. Wanderson, sabedor disso, nos presenteia com a sua reflexão. Boa leitura!

Claudio de Oliveira Ribeiro

Professor titular de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é o secretário geral da Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre).

PRIMEIRAS PALAVRAS

As palavras a seguir são o resultado de um tempo de inquietações, que ainda não acabou. Entenda-as como uma tentativa de construir uma reflexão - através da aglutinação de duas formas de apresentar e pensar o mundo: teologia e literatura - sobre as experiências que se passam em nossos corpos, naquilo que somos. O objetivo geral e norteador deste trabalho são, através de uma análise teológica do romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Jorge Amado, (tentar) estabelecer ou encontrar um caminho para uma relação em que o transcendente e o terreno possam se articular dentro da dinâmica da vida humana. O convite para essa busca, e que também foi a inspiração durante todo o processo, foi um corpo singular, diferente e, ao mesmo tempo, igual a tantos. Corpo moreno, de mulher, de cozinheira baiana, o corpo de dona Flor, que é especial, pois vive uma impressionante história de amor com dois homens, sendo que um era espírito, e o outro, de carne e osso. Tal história de amor, ao mesmo tempo em que é harmoniosa porque em um único espaço,

corpo, junta duas coisas totalmente opostas, mistura, trança (ou transa), o transcendente (que excede os limites normais; superior, sublime,) com o terreno (que é terrestre, mundano), também coloca essas duas realidades em oposição, criando assim uma incrível, mas deliciosa, batalha entre o espírito e a matéria. Esse romance foi escrito por um dos maiores escritores do Brasil. Jorge Amado de Faria, conhecido como Jorge Amado (1912–2001).

O que me faz lembrar que, por entender que uma visão unidimensional, consequência de um pensamento simplificador, é “incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo”¹, procurei em todo o decorrer deste livro a pluralidade que é percebida e valorizada pelo diálogo, mas não numa roda de conversa qualquer, mas sim em algo mais antropofágico, em que diferentes autoras(es) dialogaram sobre o corpo de dona Flor, sobre ele se devoraram, foram devorados por ela e, nos proporcionaram um jantar feito a partir de diferentes elementos. Fiz isso no desejo de construir algo novo, diferente e inesperado, com qualidades e características novas² e, também, para combater qualquer desejo pessoal de unificar toda a complexidade da dimensão humana, de nossos corpos, numa simplificação que, no fim das contas anularia essa diversidade alcançada.

A busca por essa novidade se deu da seguinte maneira: i) Analisei o romance na busca por compreendê-lo melhor, conhecer as personagens, suas histórias e como elas se cruzam. Busquei também conhecer o autor, quais as características da sua literatura, o que ele gostaria de ensinar através da história apresentada. Para isso utilizei a

¹ MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Tradução Eliane Lisboa. 4.ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 12.

² VELOSO, C. *Antropofagia*. 1ª Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 54

ajuda de historiadoras(es) e estudiosas(os) de literatura. O que nos permitiu descobrir que *Dona Flor e seus dois maridos* é um dos trabalhos da segunda fase da literatura de Jorge Amado, que apresenta um ar satírico, mais humorado, mais fantástico, mas sem abandonar seu caráter engajado. Diferente da primeira fase que são as décadas de 30, 40 e grande parte de 50, coincidindo com a fase em que ele foi membro do partido comunista, e que traz a característica de discutir questões de âmbito nacional. Apesar de sua literatura ser estudada e compreendida em duas fases, Jorge Amado sempre teve o mesmo objetivo ao escrever.

Quanto ao meu comprometimento e à minha parcialidade, meu único compromisso, dos meus começos até hoje e, espero, certamente até a última linha que venha a escrever, tem sido com o povo, com o Brasil, com o futuro. Minha parcialidade tem sido pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero; e orgulho-me dessa parcialidade.³

ii) Apresentei uma dimensão corporal completamente livre e “desescondida” e que não poderia ser desconsiderado. O que me faz pensar que quem se encontra com o corpo de dona Flor ou de outras personagens de Jorge Amado terá uma experiência diferente da que eu tive, afinal eu tentei tocar a professora de culinária de uma forma e ela, viva através das palavras amadianas, me tocou de uma maneira completamente diferente. Os corpos feitos de literatura geram em nós um

³ AMADO, Jorge. Carta a uma leitora sobre romance e personagens (p. 23-36). In: AMADO, Jorge. *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972. p. 14

efeito de presença⁴ e, por fim, iii) Coloquei o corpo de dona Flor, pulsando pelo contato com seus dois maridos, frente ao pensamento antropológico, apresentado e defendido por algumas correntes do cristianismo.

É partindo desses encontros e dessa metodologia, que apresento o corpo deste livro, com três partes principais. **1)** A apresentação da *História de amor entre dona Flor e seus dois maridos*, é o momento em que as personagens principais e, as que consideramos fundamentais para o trabalho, são apresentadas. Aqui elas são compreendidas se tornam íntimas, familiares. É necessário dizer que o romance é extenso e muitas personagens aparecem no decorrer do enredo. Infelizmente não foi possível dizer algo sobre todas elas. Toda a atenção foi dada a Flor, Vadinho e Teodoro. Esse trabalho, assim como os outros escritos de Jorge Amado, tem uma dimensão muito profunda, que foi explorada com a ajuda do antropólogo Roberto DaMatta (1936-). **2)** *A temática do corpo na literatura de Jorge Amado* é uma apresentação de como a literatura amadiana apresenta, através de muita sexualidade e sensualidade a figura corporal, especialmente a feminina, pois é em torno das mulheres que gravitam as narrativas do escritor baiano. Mulheres que, normalmente se encontram à margem da vida social e que, através das palavras de Amado, adquirem força para subverter a ordem estabelecida e inaugurar um novo tempo de celebração da vida e da liberdade⁵. Isso não foi descoberto, ou percebido, sem a ajuda da escritora, e linguista, Ana Maria Machado. **3)** Finalmente, em *Dona Flor: corpo e pluralidade* busquei apresentar o corpo

⁴ A cerca desse fenômeno de presença indico o artigo “Entre dois homens uma flor: uma análise do fenômeno extático, a partir dos pensamentos de Hans Ulrich Gumbrecht e Paul Tillich” publicado na revista *correlatio* v. 14, n. 28.

⁵ AMADO, 1972, p. 35.

da mulher dona Flor, transformado pelo contato com os dois maridos, para o corpo construído dentro da geometria cristã, ou de pelo menos algumas correntes do cristianismo, para que pudesse haver um diálogo antropofágico. Talvez essa tenha sido a parte mais desafiadora e deliciosa desse livro, pois é nítido, antes mesmo de ler, que existe o confronto entre uma mulher mergulhada em sua humanidade, ardendo em desejo proibido, com o movimento que faz do corpo um escravo das liturgias e dos sistemas de poder da Igreja. Esse encontro, por ser mais difícil, só foi possível com a ajuda das reflexões do filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin e das teólogas, feministas, metodistas e latino americanas, Ofir Maryuri Mora Grisales, colombiana e Nancy Cardoso Pereira, brasileira.

Com este corpo apresentado, espero, fielmente, que esse diálogo antropofágico desperte diferentes maneiras de ver o corpo, a religião e o mundo. Espero que as palavras que se seguem encontrem um lugar especial em sua corporeidade, entre na carne de suas vivências, de suas lutas, de suas festas. Que elas adentrem em seu mundo. Só assim, todo esse trabalho terá sentido, tornando-se parte de quem o lê. Não há mais o que dizer, dona Flor e seus dois maridos estão esperando por você, pelo seu corpo. Seja bem vinda(o) a este mundo de experiência literária, teológica e corporal.

A HISTÓRIA DE AMOR ENTRE DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Introdução

O presente capítulo tem a difícil, e interessante, tarefa de fazer com que a história que foi construída através do triângulo amoroso, formado pela professora de culinária e seus dois maridos, se torne conhecida. Para isso, as personagens consideradas fundamentais para essa reflexão serão aqui destacadas, junto com suas histórias e o papel que elas desenvolvem no enredo do romance. É necessário dizer que, obviamente, dona Flor e seus dois

maridos, Vadinho e Teodoro, ganharam mais atenção, pois é ao redor dessas três figuras que nossa análise, mais à frente, irá se desenrolar. A apresentação do romance foi feita dessa forma devido a sua extensão. Dentre todos os trabalhos da segunda fase da literatura amadiana, essa obra tem uma dimensão muito profunda, para isso a reflexão do antropólogo Roberto DaMatta foi uma grande ferramenta para que a história fosse apresentada de forma coerente com o que Jorge Amado apresentou ao escrever *Dona Flor e seus dois maridos*.

O romance

A obra *Dona Flor e seus Dois Maridos* nasce no ano de 1966. É um romance longo que leva um subtítulo curioso de “a espantosa batalha entre o espírito e a matéria”. A história acontece na cidade de Salvador, capital da Bahia, e se desenvolve ao redor da história de amor entre três personagens. Dona Flor, uma jovem professora de culinária, viúva de um casamento que durou sete anos, nos quais o marido a fizera sofrer muito. Novamente casada depois de um ano com um bom marido, vivendo uma vida cerimoniosa e equilibrada.

Vadinho, o primeiro marido, morre de forma repentina em um domingo de carnaval: parou de sambar e caiu duro. Levava uma vida de boemia afundada na cachaça, jogatina e noites de esbórnia fazendo Flor sofrer com suas safadezas. Isso o arruinou fazendo com que sua vida chegasse ao fim. Vadinho é muito especial na história, pois ele volta da morte atrás de dona Flor. Depois que sua esposa já estava há um ano casada, ele surge, para surpresa dela, nu, deitado na cama, rindo e acenando para ela, e daí em diante ele passa a viver com o casal e a atormentar dona Flor.

A outra personagem que completa esse trio amoroso é o farmacêutico Teodoro Madureira, que surgiu como pretendente de Flor depois de um ano de viuvez. Tempo em que os desejos consumiam a moça. Do namoro e de um noivado pudico, eles passam ao casamento. Homem cerimonioso e equilibrado, o oposto de Vadinho. Dr. Teodoro vive para a farmácia e para os ensaios de fagote. Flor é feliz ao seu lado, mas existia um vazio dentro do peito de sua esposa, que ele desconhecia e ela não sabia definir.

As vidas e pós-vida dessas personagens se cruzam dentro da realidade, que Jorge Amado descreve, de Salvador com suas vidas noturnas, seus cassinos e cabarés, a culinária baiana, os ritos do candomblé e o convívio entre políticos, doutores, poetas, prostitutas e malandros. A narrativa desse romance faz um retrato bem-humorado das ambiguidades que marcam a sociedade brasileira, país dividido entre o compromisso e o prazer, a alegria e a seriedade, o trabalho e a malandragem e dona Flor, uma das mais conhecidas personagens femininas de Jorge Amado, encarna essas contradições. Dividida entre o fiel e comedido Teodoro e o extravagante e voluptuoso Vadinho, ela decide viver o melhor de dois mundos.

Divisão da Obra

O romance se divide em cinco capítulos. Faremos um breve panorama do que cada capítulo trata, nos concentrando especialmente nas situações que envolvem dona Flor, Vadinho e Teodoro que são as personagens principais. Especialmente dona Flor, pois acreditamos que ela é o núcleo do enredo e da relação harmoniosa ou conflitiva entre o transcendente e o terreno, nas palavras de Amado “entre o espírito e a matéria”, que é o tema de nosso trabalho.

O primeiro capítulo, como de costume em todas as obras, é a porta de abertura do romance. Aqui se destaca a história da morte de Vadinho, seu velório e enterro do corpo e a criação de um poema, de autor não revelado ou desconhecido acerca de sua pessoa e suas andanças nas noites de Salvador. Aqui Jorge Amado nos conta, mesmo que de forma mais leve e amena, um pouco sobre quem é dona Flor, quem é Vadinho e como se dava sua vida conjugal.

O segundo capítulo é composto pelos momentos iniciais da viuvez de dona Flor. O tempo do nojo, do luto fechado, atormentada pelas memórias de ambições e enganos, de namoro e casamento, da vida matrimonial que Flor vivia com Vadinho junto com as fichas e com os dados e a dura espera sem esperança. Este capítulo também traz a história de vida dela e de como começou seu romance com Vadinho e, aqui de forma mais detalhada, Jorge Amado conta os dramas, humilhações, prazeres e lágrimas que ela vivia em seu casamento.

O terceiro capítulo marca o fim do sofrimento de viuvez e o início da nova vida, com a presença do segundo marido, Teodoro o farmacêutico. Esta parte do romance é marcada por diversos acontecimentos. As saídas que Flor dava com as amigas para amenizar a dor gerada pelo falecimento de Vadinho; O surgimento de pretendentes que fazem ela se sentir “no centro de uma roda, em plena praça pública, como no jogo infantil da ciranda-cirandinha”⁶, onde essa “roda era formada por marmanjos, os múltiplos candidatos das amigas e comadres à sua mão de esposa”⁷; O conflito que acontece entre o espírito e a matéria dentro do corpo de dona Flor que a deixa noites sem dormir e o seu segundo casamento.

⁶ AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*: história moral e de amor. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 221

⁷ Idem.

O quarto capítulo é a descrição do tempo de ordem, paz e segurança em que estava a vida de dona Flor, agora ex-viúva, com a ausência de sobressaltos e desgostos. Com seu segundo e bom marido Teodoro, participante do mundo da farmacologia e integrante de um grupo de músicos amadores que brilhavam nos salões, Flor desfrutava da sua vida segura, do “coro” dos vizinhos, que agora lhe recordavam sua felicidade, e de seu próprio sorriso que confirmava tudo isso. É nesse capítulo que percebemos em Flor um vazio, um leve incômodo devido à vida e ao marido que eram muito previsíveis e é em resposta a esse sentimento, que Vadinho retorna do outro mundo.

O quinto e último capítulo narra a terrível batalha entre o espírito e a matéria, a moral e o desejo, a prudência e a safadeza que acontece dentro de dona Flor, onde ela ardida em desejos por Vadinho, agora presente e fazendo de tudo para tê-la mais uma vez, é confrontada pelo seu dever de esposa de respeitar Teodoro, marido bom, fiel e que merecia toda fidelidade possível. Repleto de acontecimentos singulares, nesse capítulo, eventos se desenrolam determinando a relação entre dona Flor e seus dois maridos.

Personagens

O romance é composto por diversas personagens, com características e estilos próprios e que ajudam a desenhar o enredo em que estão inseridos dona Flor e seus dois maridos. Contudo iremos descrever aqui apenas um pouco da história e características das personagens principais da história, ou seja, Flor, Vadinho e Teodoro.

Vadinho: Sexo, jogo e boemia

Homem alto, de pele morena, cabeleira loira e bigode cortado. Esse era Vadinho, de nome Waldomiro Guimarães. Muito conhecido por “sua alegria esfuziante, [...] sua altivez de malandro, benquisito sobretudo nos lugares onde se bebia,”.⁸ Vadinho circulava e vivia no meio da malandragem e do jogo e nesse mundo começou desde sua adolescência. Nunca teve uma “vida de família”, pois a mãe morreu no parto e o pai desapareceu de sua existência.

Vadinho foi fruto de um relacionamento entre o “primogênito de pequenos burgueses remediados e a copeira da sala”.⁹ Matriculado em um colégio de padres, por um dos parentes que o criou por pouco tempo, local onde passou sua infância e parte da adolescência, Waldomiro Guimarães com muita dificuldade chegou ao último ano do curso, mas não concluiu porque se apaixonou num domingo de visitas, “pela mãe de um colega, distinta quarentona, mulher de comerciante da Cidade Baixa, considerada naquele tempo a mais fácil puta da alta sociedade da capital – paixão devoradora e correspondida”.¹⁰ Certa vez, em um dia de saída, o primeiro domingo do mês, a quarentona veio buscar seu filho e Vadinho para almoçar em sua casa. Enquanto seu amigo, Zezito, ficava no porão da casa com seus preás e o comerciante roncava na sala, Vadinho “arrastado a um quarto de costura”, foi possuído por beijos, carinhos e pelas declarações da quarentona o chamando de “meu menino, meu colegial, meu aluno, sou tua professora, ai, meu donzelo” e afirmando que “Vadinho era seu primeiro

⁸ Idem, p. 22.

⁹ Idem, p. 99.

¹⁰ Idem.

amante” e que seu maior desejo era “partir com ele para viverem os dois, aquele grande amor, ocultos num recanto qualquer”.¹¹

Essas palavras fizeram Vadinho fugir do colégio e aparecer na casa dela para “libertá-la do ‘bestial burguês’ que tanto a fazia sofrer e a humilhava possuindo-a” e assim poderem, os dois, fugir. Só que o que Vadinho recebeu em troca foi o susto da quarentona ao vê-lo, suas palavras de repreensão, indignada, dizendo que ela não “era uma aventureira para largar casa, esposo e filho, seu conforto e seu conceito na sociedade, para ir viver amásia de uma criança, na miséria e na desonra”.¹² Mas, além disso, fez-lhe promessas depois de mandá-lo retornar ao colégio antes que alguém percebesse seu sumiço. Indignado com tudo isso, Vadinho agarrou a mulher pelos cabelos, lhe deu uns tapas, fugiu e com isso penetrou na vida noturna da cidade. Vida da qual nunca abandonou, nem mesmo durante seu casamento com Flor, e dela desfrutou até o momento de sua morte.

Desde esse dia, Vadinho mostrou que não estava mais interessado no “sentimento familiar”, no decorrer de seu crescimento, sua vida sentimental foi marcada por ser “numerosa e diversa, pois as múltiplas amantes variavam na idade, na posição social e na cor” e algumas chegavam até a serem casadas. Isso foi acontecendo durante muito tempo “sem que nenhum desses laços tivesse a força do amor”.¹³

Nunca um enrabichamento o fez sentir a vida plena e luminosa, jamais uma ausência feminina, uma briga, o término de um caso, o tornou gris, vazio e suicida. Partia para outro corpo de mulher

¹¹ Idem, p.100.

¹² Idem.

¹³ Idem, p. 101.

como mudava de mesa na sala de jogo quando o 17, seu número, fazia-lhe a falseta.¹⁴

Descendente da parte bastarda e pobre de uma família importante, os Guimarães, Vadinho tinha arrumado um emprego como fiscal de jardins, com a ajuda de um tio que foi por pouco tempo Delegado Auxiliar, mas nunca fiscalizou jardim de espécie alguma. “Os jardins não lhe interessavam, não tinha tempo para perder com plantas e flores, podiam desaparecer todos os jardins da cidade, não lhe fariam falta”. Vadinho era uma ave “noturna, seus canteiros eram as mesas de jogo, e suas flores, [...] as fichas e os baralhos”.¹⁵

Homem da muita lábia, Vadinho arrancava de diversas pessoas, no intuito de financiar suas apostas, assinaturas em promissórias. Não se esquecia de ninguém que precisasse pagar,

pois jamais esquecia das datas de vencimento dos diversos títulos por ele firmados e espalhados em bancos e em mãos de agiotas. [...] Em geral nunca podia pagar, e não pagava; no entanto a cada dia o número dos títulos aumentava, aumentava o número dos avalistas.¹⁶

Ao ponto de alguns avaliarem cerca de duas ou três vezes, como se Vadinho fosse o mais correto dos pagadores. “Todos eram vencidos por suas manhas, sua conversa dramática e convincente”.¹⁷

Essa vida na qual Vadinho tinha orgulho de viver, mesmo quando estava casado com dona Flor deixando-a

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem, p. 30.

¹⁶ Idem, p. 30-31.

¹⁷ Idem.

em desespero, pois às vezes passava “oito dias e oito noites sem dormir, jogando e bebendo ou na farra com mulheres”, foi o que causou sua morte. Pois a “cachaça, as noites nos cassinos, a esbórnia, a correria doida à cata de dinheiro para jogo, haviam arruinado aquele organismo belo e forte, deixando-lhe apenas a aparência”.¹⁸

Vadinho é um “protótipo do malandro para quem os amigos e a boa vida eram tudo” e que “carnavalizadamente” retorna, após sua morte, com um “feitio macabro e frágil, pedindo rezas, mas como uma alegre e contraditória encarnação do erotismo, oferecendo e demandando sexo”.¹⁹

Dona Flor: amor, desejo e dúvida

Dona Flor, de nome Florípedes Paiva, era bonita, agradável de ver. Era uma mulher pequena, “rechonchuda, de uma gordura sem banhas”. Tinha a cor da pele bronzeadada e “os lisos cabelos tão negros a ponto de parecerem azulados”. Olhos de “requebro e os lábios grossos um tanto abertos sobre os dentes alvos”.²⁰ Flor era apetitosa, um “pedaço de descaminho, perdição de morena”.²¹

Filha, mais nova de três, de mãe viúva que batalhou para garantir às filhas e ao filho um bom casamento e assim subir na vida, coisa que não aconteceu. Flor desde pequena trabalhou em serviço doméstico na própria casa, para ajudar nas finanças, fazendo “bolos e quitutes,

¹⁸ Idem, p. 26.

¹⁹ DAMATTA, Roberto. A mulher que escolheu não escolher (p.463-469). In: AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 464.

²⁰ AMADO, 2008, p. 23.

²¹ Idem, p. 79.

sempre rondando o fogão, aprendendo os mistérios da arte suprema”. Flor começou nas “bandejas de pastéis e empadas”, foi para as “encomendas de almoços”, passou pelas “receitas e aulas e, por fim, para a escola de culinária”.²² Já menina, se acostumou a possuir seu dinheiro e se não fosse isso não teria conseguido celebrar o primeiro casamento e muito menos sobreviver na viuvez, pois Vadinho ao morrer não deixou nada além de dívidas. “Não fosse a escola, e dona Flor ter se-ia-visto em completo alvêu, sem vintém para o enterro e o mais”.²³ Por isso tudo, Flor sempre deu valor ao seu trabalho.

Viúva de seu primeiro marido, que lhe fizera sofrer muito durante os sete anos de casada e que morreu de forma repentina, Flor se casa outra vez, e de seu novo marido, Teodoro, recebe todo carinho e amor, mas que não são capazes de preencher o vazio do coração da professora de culinária que só encontra paz quando o falecido e ex-marido, Vadinho, retorna dos mortos para mais uma vez se divertir com sua esposa.

Dividida entre dois amores, “dona Flor vê-se retalhada por dois maridos que representam estilos de vida, visões de mundo e até mesmo ideologias, valores e estilos culturais não somente opostos, mas contraditórios entre si”²⁴ e com a necessidade de tomar uma decisão e escolher com qual dos dois viver.

²² Idem, p. 66.

²³ Idem, p. 297.

²⁴ DAMATTA, 2008, p. 464

Teodoro: Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar

Teodoro Madureira era um “homem pacífico, amável, de bom viver”.²⁵ Filho de mãe viúva, semelhante a Flor. Farmacêutico, fez a faculdade e formou-se com a ajuda da mãe que, “sozinha, trabalhando noite e dia, numa estafa contínua [...] administrou o negócio”²⁶ que foi deixado pelo marido, repleto de dívidas. Pagou tudo e ainda garantiu a mesa para o filho estudante. Para ela, a única obrigação na qual Teodoro deveria empenhar seu tempo era nos estudos, deixando o trabalho para depois da formatura. Era seu objetivo ver o filho formado, tanto que, ao vê-lo vestido de preto e recebendo o canudo não aguentou a emoção e de tanta alegria, na mesma noite voltando para o hotel, sofreu um derrame que a deixou parálitica para sempre. Ao vê-la naquela situação, Teodoro jurou manter-se solteiro enquanto ela vivesse. Mas seu interesse por dona Flor era diferente e ele não pôde resistir, a beleza da viúva era impossível de ser vencida.

Teodoro era um homem sério, “mais leal e correto não havia”, diferente de Vadinho, apenas duas histórias acerca de envolvimento com mulheres chegaram aos ouvidos de Flor. Monógamo, do tipo que não trai a mulher, “Teodoro é a exceção que confirma a regra”.²⁷ Sua lealdade e fidelidade a Flor era tamanha a ponto de rejeitar a bunda, “uma bunda e tanto, das de tanajura”²⁸, de dona Magnólia, mulher que passava exibindo os seios e o busto na rua e atraía o olhar de todos os homens, inclusive os rapazes do Ginásio Ipiranga. Magnólia havia

²⁵ AMADO, 2008, p. 264.

²⁶ Idem, p. 266.

²⁷ Idem, p. 344.

²⁸ Idem, p. 339.

ido ao consultório de Teodoro, fingindo estar doente e foi expulsa pelo farmacêutico que, com “seus braços ávidos”, com a “boca voraz, plantado em seus princípios, em suas convicções inabaláveis”²⁹ botou dona Magnólia para correr.

Teodoro Madureira era “calmo e sem pressa, cada coisa de uma vez em seu lugar”³⁰ homem “tranquilo e suspicaz, de educação cutuba”, não era de impor nenhuma exigência, nem mesmo à sua esposa e nem o sabia fazer. No “entanto tudo obtinha sem estardalhaço, sem que os demais se sentissem violentados; um fode-mansinho o nosso caro farmacêutico”³¹. Sistemático e por demais metódico, na opinião de dona Norma, ele exigia “cada coisa em seu lugar e em seu dia exato, inimigo do imprevisto e da surpresa”³². Essa rigidez com as coisas passavam desde os materiais de cozinha até as noites de amor com dona Flor que, mesmo com suas raras exceções, tinham seus dias certos e sempre da mesma forma: “Às quartas e aos sábados, à mesma hora invariavelmente, dona Flor vislumbrava os discretos e repetidos movimentos do esposo, nas sombras do leito”.³³

Teodoro era um homem amoroso que acreditava que “o trato gentil e a cortesia são complementos do amor, imprescindíveis. Jamais se dirigiu à esposa sem atenção afetuosa, esperando dela a mesma afável polidez de tratamento”³⁴ e isso conquistava o carinho e o amor de dona Flor.

²⁹ Idem, p. 340.

³⁰ Idem, p. 339.

³¹ Idem, p. 293.

³² Idem, p. 300.

³³ Idem, p. 302.

³⁴ Idem, p. 296.

As transformações de dona Flor

A relação ou o romance de Flor com Vadinho pode ser entendido como “noite, desejo e choro”. Nessa primeira fase da sua vida, a professora de culinária é apresentada como uma jovem repleta de desejo e amor pelo homem a quem ela se rendeu e de quem não pôde fugir. Marcado pela mentira³⁵ que enganou Dona Rozilda³⁶, mas que foi desfeita logo depois. Pelas carícias ardentes que Vadinho fazia no corpo, ardido de desejo, de Flor no escuro da escada. Pela revolta e coragem da jovem professora de culinária ao desafiar sua mãe em defesa de seu amor, essa primeira fase, também mostra que Flor desafia as regras familiares sociais, perdendo a virgindade com Vadinho. Desafiando a tudo e a todos, as críticas e

³⁵ Vadinho foi apresentado à dona Rozilda, por Mirandão, seu amigo íntimo, como “doutor Waldomiro Guimarães, sobrinho do doutor Airton Guimarães, delegado auxiliar, neto do senador” (AMADO, 2008, p. 86), mais tarde, a mãe de Flor descobre que essa história de “doutor” não passava de uma farsa e tomada de ódio, castiga a filha trancando-a no quarto. Contudo, enquanto nada era desmentido, a ideia de ter um genro com participação e família no governo fez com que nos miúdos olhos de dona Rozilda brilhassem uma chama amarela de ambição (AMADO, 2008, p. 87).

³⁶ Rozilda era uma mulher de caráter difícil. Viúva, criou as duas filhas e o filho em uma situação precária, pois o marido, pai de Flor, Gil “deixou a família em sérias aperturas”. Com muita força de vontade, fez de um tudo para completar a criação dos filhos. Contudo, Rozilda era interesseira e seu maior sonho era subir para elite da sociedade. Como não conseguiu com o marido, desejava que os filhos tivessem um bom casamento, para que ela pudesse subir na vida, mas isso não aconteceu. O filho, Heitor, tornou-se um trabalhador na Estrada de Ferro, a Filha, Rosália, casou-se com um mecânico que se mudou para o Rio e só retornaria quando a sogra estivesse morta e Flor, casou-se com Vadinho e depois com Teodoro. De nenhum desses relacionamentos ela conseguiu tirar proveito.

preconceitos, mas não desafiando a si mesma, Florípedes se casa com Waldomiro.

Depois do casamento e da lua de mel, até a morte de Vadinho naquele domingo de carnaval, Flor passou sete anos sofrendo e vivendo angustiada com o esposo. Apesar de amá-lo, a vida ao lado dele era algo torturante para a professora de culinária. Esperava noites e noites acordada o retorno do esposo, que às vezes passava semanas inteiras na rua devido ao vício do jogo. Vadinho amava a Flor, mas nunca pensou em mudar seu estilo de vida, apesar de algumas vezes ficar dias direto em casa, mas no fim das contas o motivo era por não ter dinheiro e nem com quem pegar. “Sete anos decorreram entre as lágrimas choradas por dona Flor na noite de núpcias e as da aflita manhã de domingo quando Vadinho caiu sem vida em meio a um samba de roda, entre fantasias e máscaras”.³⁷

A segunda fase da vida de dona Flor foi completamente o oposto da primeira. Seu relacionamento com Teodoro, trazendo as marcas da “alegria, segurança e vazio”, apresenta uma Florípedes bem diferente da jovem que se casara com Vadinho. Viúva que viveu amargando sua dor, solidão e, que depois, se viu atormentada pela “maldita matéria do seu corpo partido em fúria e em danação contra o recato de seu espírito, rompendo a placidez de sua vida, seu equilíbrio”.³⁸ Foi no momento em que estava tomada pelo fogo de seu corpo que ela encontra Teodoro e com ele se casa.³⁹

³⁷ AMADO, 2008, p. 121.

³⁸ Idem, p. 250.

³⁹ Diferente do seu primeiro romance. Entre Flor e Teodoro não houve namoro, noivaram e se casaram, “pois não fica bem a uma viúva namorar, numa esquina ou no esconso de uma porta em deboche e agarramentos: beijinhos, abraçinhos, pega aqui, pega acolá, mão nos peitos, correndo pelas coxas” (AMADO, 2008, p. 271).

Vivendo uma vida pacífica, tranquila e sistemática que a ajudou a subir de posição social, Flor se vê atormentada, apesar de todo o carinho e gentileza do marido, por um vazio que ela, por si só, não consegue preencher. São os dias iguais, o marido sistemático e previsível, como ela mesma diz, que com o passar do tempo, “o doutor não muda, a mesma polidez, o mesmo sistema, o mesmo trato, sempre igual, um dia atrás do outro. Posso dizer o que vai acontecer a cada instante, no passar das horas, e sei cada palavra, porque hoje é igual a ontem”⁴⁰ e o sexo igual, com dias fixos marcados por raras exceções, que fazem dona Flor, no vazio de seu coração, chamar pelo primeiro e falecido marido.

E foi de tanto pensar, de tanto o coração desejar, que na festa de comemoração de um ano de casada com Teodoro, Flor estava com um olhar distante e quando todos foram embora, ela foi para o seu quarto, acendeu a luz e no “leito de ferro, nu como dona Flor o vira na tarde daquele domingo de carnaval quando os homens do necrotério trouxeram o corpo e o entregaram, estava Vadinho deitado, a la godaça, e sorrindo lhe acenou com a mão”.⁴¹

A reação de Flor ao encontrar o seu primeiro marido, já morto, deitado nu em sua cama, sorrindo e acenando é mais surpreendente do que o próprio acontecido, pois ao invés de demonstrar medo, Flor “numa voz cálida, mas sem surpresa, como se o estivesse esperando”⁴² iniciou uma conversa com Vadinho:

- Por que veio logo hoje? – Perguntou dona Flor.
- Porque você me chamou. E hoje me chamou tanto e tanto que eu vim... – como se dissesse ter

⁴⁰ Idem, p. 355.

⁴¹ Idem, p. 360.

⁴² Idem.

sido o seu apelo tão insistente e intenso a ponto de fundir os limites do possível e do impossível. – Pois aqui estou, meu bem, cheguei indagorinha...⁴³

A terceira fase de dona Flor acontece, quando ela se encontra presa na relação com seus dois maridos. Vadinho, que retornou do outro mundo e Teodoro representam a divisão do coração de Flor e a ambiguidade de seus desejos e sentimentos. Essa fase também mostra sua angústia vivendo dentro de uma competição disputada por seus desejos ardentes e os deveres morais.

Tendo que conviver com Vadinho que ficava pela casa, enquanto Teodoro trabalhava, lhe sussurrando safadezas e utilizando de sua lábia, Flor em muitos momentos se viu rindo e até mesmo, chegou a beijá-lo. Apesar de resistir, de várias formas possíveis, a professora de culinária não fazia questão de esconder a ternura que sentia pelo primeiro marido. Por ele, ela sentia “uma ternura funda, comovida, um não-sei-que, mistura do bom e do ruim, sentimento de análise difícil e de impossível explicação para ela própria”⁴⁴. Afinal, Vadinho era fruto de seu desejo, uma resposta ao seu coração que estava vazio e incompleto. Flor o amava e foi esse amor que o trouxe de volta.

Contudo, do outro lado dessa ternura pelo primeiro estava o segundo e atual marido, Teodoro e ao menor descuido que dona Flor desse, em um instante qualquer que fosse que a professora de culinária cedesse, Vadinho “lhe comeria não mais o cabaço de donzela mas a honra de um marido exemplo dos bons maridos e a decência de esposa”.⁴⁵ Era essa situação que a dividia. De um lado o desejo e o carinho pelo ex-marido e do outro o amor pela

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem, p. 379.

⁴⁵ Idem, p. 402.

ternura do atual. De um lado estava a vontade de se entregar ao doido amor que nunca se acabou e do outro a responsabilidade de ser uma mulher direita e que respeitava Teodoro.

Por que cada criatura se divide em duas, por que é necessário sempre se dilacerar entre dois amores, por que o coração contém de uma só vez dois sentimentos, controversos e opostos?⁴⁶

A aparição de Vadinho na vida de dona Flor causou um total desacordo. Se antes ela se sentia vazia, com falta de algo para preencher o espaço que estava se abrindo em seu coração, agora ela estava completamente dividida. Seu corpo, sua vida era um campo de batalha entre o espírito e a matéria. Vadinho a confundiu e a confrontou. Já não “era mais uma pessoa só e igual, inteira e íntegra: estava dividida em duas, a honesta e a salafrária, seu reto espírito de um lado, do outro a matéria em ânsia. Um desacordo”.⁴⁷

O tempo de dona Flor era de batalha e não podia mais ser medido de forma cronológica, mas sim como “*um tempo de recusa e de desejo, longo e sofrido*” e que só chegou ao fim quando na sala, com Teodoro dormindo no quarto, ela se entregou ao seu primeiro marido, mais uma vez. Naquele momento nada perdurou, nem honra e nem a pudicícia, mas “não fora sempre assim?”, nas mãos dele tudo isso sumia e dona Flor sempre era obediente às suas ordens de marido e dono.⁴⁸

Na sala [...] dona Flor tão despida quanto ele, um da nudez do outro se vestindo e se completando.

⁴⁶ Idem, p. 424.

⁴⁷ Idem, p. 424.

⁴⁸ Idem, p. 432.

[...] Vadinho lhe comeu a honra, primeiro a de donzela, agora a de casada (outras mais tivesse ele as comeria).

Nunca se dera assim; tão solta, tão fogosa, tão de gula acesa, tão em delírio. [...] Que importam meu conceito na rua e na cidade, meu nome digno? Minha honra de casada, que me importa? Toma isso tudo em tua boca ardida, [...] queima em teu fogo minha decência inata, rasga com tuas esporas meu pudor antigo, sou tua cadela, tua égua, tua puta.⁴⁹

Foi depois disso, de se entregar ao seu desejo e se render ao primeiro marido que, estava “dona Flor tão satisfeita, de repente inteira e uniforme, não mais contraditória, dividida ao meio em luta o espírito e a matéria”.⁵⁰ Afinal, agora ela tinha os dois. O amor fiel, respeitoso, atencioso e o amor “de impurezas, errado e torto, devasso e ardente”. Vadinho era o marido da pobre dona Flor, que acordaria sua ânsia e morderia seu desejo, escondidos no fundo de seu ser, de seu recato, e Teodoro era o marido da senhora dona Flor, que cuidaria da sua virtude, da sua honra, de seu respeito humano⁵¹. Como diz o próprio Vadinho:

Somos teus dois maridos, tuas duas faces, teu sim, teu não. Para ser feliz, precisas de nós dois. Quando era eu só, tinhas meu amor e te faltava tudo, como sofrias! Quando foi só ele, tinhas de tudo, nada te faltava, sofrias ainda mais. Agora, sim, és dona Flor inteira como deves ser.⁵²

⁴⁹ Idem, p. 434.

⁵⁰ Idem, p. 447.

⁵¹ Idem, p. 448.

⁵² Idem.

A TEMÁTICA DO CORPO NA LITERATURA DE JORGE AMADO

Introdução

O desafio que se apresenta agora é o de analisar o corpo que foi descoberto no primeiro capítulo deste livro. É possível perceber que, diferente do que acontece em muitos espaços teológicos e religiosos, entendidos como conservadores, a corporeidade, espaço onde nossa humanidade acontece, aparece “sem vergonha” alguma. No entanto, perceberemos nesse capítulo que isso não é exclusivo de Florípedes. Outros romances, especialmente os da segunda fase literária de Amado, também colocam o corpo, especialmente o de mulher, em evidência e com

uma forte expressão sexual, situação que fez com que nesse capítulo, para que análise do corpo de dona Flor fosse feita, outras mulheres de Jorge Amado fossem analisadas. Como em muitos momentos os óculos teológicos surgem diante de alguns temas, por isso a análise que a linguista Ana Maria Machado fez da sexualidade expressada na literatura, especialmente na de Jorge Amado, foi indispensável.

O Corpo na literatura de Jorge Amado: Sexualidade e liberdade

Dois aspectos teóricos consideramos importantes para refletir sobre a temática do corpo na literatura de Jorge Amado, como é objetivo desse capítulo. O primeiro aspecto é o corpo na literatura amadiana que aparece aberto, sem se esconder ou se mascarar. Contendo um forte caráter erótico, as referências corporais em Jorge Amado apresentam uma dimensão de crítica cultural, em que leis são desafiadas e contenções firmadas. Através do apurado uso de um linguajar repleto de obscenidades e palavras pouco “sagradas”⁵³, a perspectiva erótica em que Amado apresenta o corpo, não deve ser vista em um sentido superficial de, apenas, descrever cenas de sexo, pois “a sexualidade na literatura é uma linguagem na qual aquilo que não é dito é mais importante do que aquilo que é dito”.⁵⁴

⁵³ OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, p. 23-30, out./dez. 2011. p. 26.

⁵⁴ MACHADO, Ana Maria. Muito prazer: notas para uma erótica da narrativa (p. 21-56). In: MACHADO, Ana Maria. *Ilhas no tempo*: algumas leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 47.

Entender essa profundidade que a dinâmica da sexualidade expressa nas páginas da literatura não é algo tão simples, pois na atual sociedade a dimensão que o erótico tem se perdeu. A banalização e a proliferação da mitologia sexual nos meios de comunicação em massa abalaram a figura do erotismo. Submetido à retórica, ao riso que, se apropriou dele para lhe garantir uma “leveza de humor superficial e descartável”, ao excesso de exposição e ao jogo estético de revelação e ocultamento, o erótico “ficou óbvio, fácil, repetitivo e grosseiro”. Mostrando que, na realidade, fazemos parte de uma sociedade “que parece supersexuada, mas que talvez esteja mais assexuada e menos erótica do que nunca”.⁵⁵

Porém Jorge Amado, contador de histórias, como sempre gostava de afirmar, mostra, através da utilização de elementos imersos na atmosfera da sensualidade, da erotização, associados à cultura popular, sua preocupação social e política.⁵⁶ Sua literatura rompe com os estereótipos esperados e por meio de uma linguagem marcada pelas ambiguidades e dualidades, dentro de sua obra, “tudo se move e se reverbera. Nada ou ninguém é apenas o que parece ser, embora possa sempre ser também exatamente o que parece”.⁵⁷

O corpo, em especial o feminino, nas páginas de sua literatura é tirado do uso comum e banalizado do mundo cotidiano. A imagem corporal é reelaborada e apesar de mostrar sensualidade, “nada disso faz perder de vista que existe uma direção”⁵⁸, uma espécie de linearidade norteadora no intuito de expor além da mera concepção sexual que pesa sobre a figura corporal. Em suas palavras

⁵⁵ Idem, p. 48.

⁵⁶ MACHADO, 2006, p. 62.

⁵⁷ Idem, p. 63.

⁵⁸ MACHADO, 2004, p. 44.

“des-sacralizadas”, Jorge Amado nos desafia a ultrapassar as barreiras da realidade e penetrar nas experiências do erotismo, que afetam nossa subjetividade e, acreditamos, nos direcionam ao transcendente.

O segundo aspecto teórico é o conceito de carnavalização desenvolvido pelo pesquisador russo Mikhail Bakhtin. Em que o carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento e um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo que, quando transportado para as obras literárias, denomina-se —carnavalização da literatura.

Nesse pensamento o “riso”, devido ao seu caráter festivo da vida, é expurgado das esferas sociais, por não demonstrar arrependimento e dor necessários. Na visão cristã primitiva, o tom sério e suas ideologias (ascetismo, crença na sinistra providência, pecado, redenção, sofrimento) são formas de opressão e de intimidação e se firmam como únicos a expressar a verdade e o bem. Contudo, Bakhtin destaca que o riso, característico das festas carnavalescas, se apresenta como libertação a tudo que oprime, se opondo ao tom sério da solenidade repressiva da cultura oficial. Além de ser uma resposta à censura exterior, a cultura oficial e séria, ele também liberta o indivíduo do censor interior, do medo do sagrado, da interdição autoritária, do passado, do poder e do medo ancorado no espírito humano há milhares de anos.⁵⁹

O corpo grotesco, parte do fenômeno carnavalizador que é veículo do riso, é um contraponto ao modelo de sensibilidade que é firmado na estética clássica, com o seu ideal de beleza, que é direcionado na busca da

⁵⁹ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de Francois Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. p. 81

normativa perfeição. Com sua aparência medonha e repugnante, ele fere o mundo que é construído pela experiência clássica e pela moral burguesa, que mantém as hierarquias e as exclusões entre bom e mau gosto, feio e bonito, ordinário e sublime.

Assim, ele serve de palco para um espetáculo onde as coisas desmoronam. Trata-se de um corpo que, quando declara a liberdade orgíaca através do riso, do sexo e da desmesura da festa, confronta, com sua desordem peculiar, as estruturas tidas como inabaláveis e vai disseminando nesse gesto a sua carga de positividade⁶⁰ e por meio dos orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências o corpo grotesco estabelece sua relação de contato com o mundo.⁶¹

A valorização do feminino na literatura de Jorge Amado, como dissemos no capítulo anterior, se intensifica a partir da segunda fase da sua literatura. Com as portas sendo abertas pela publicação de *Gabriela Cravo e Canela*, essa nova fase traz elementos que não se resumem apenas a luta de classes, como acontecia na primeira, mas que refletem muitas outras formas de dominação na sociedade brasileira e que merecem atenção⁶². Diante disso, iremos expor brevemente como o corpo de Gabriela surge e é exposto. Faremos isso porque foi ela a personagem que abriu essa segunda fase e, por acreditarmos que, dona Flor, apesar de significativas diferenças, é fruto dessa figura de mulher que se inicia com Gabriela.

⁶⁰ OLIVEIRA, 2011, p. 26.

⁶¹ BAKHTIN, 1993, p. 23.

⁶² MACHADO, 2006, p. 102.

O corpo de Gabriela: O cheiro de cravo e cor de canela

Gabriela, protagonista do romance que leva seu nome, *Gabriela cravo e canela*, é a figura que traz as mulheres para o primeiro plano da ficção de Jorge Amado. Símbolo da mulher brasileira, como era o desejo de Jorge Amado, ela é uma retirante, que tem a pele cor de cravo com cheiro de canela e, que foge da seca para buscar a vida na cidade de Ilhéus em 1925, em que “civilizava-se em ritmo impetuoso”, apesar de os costumes e hábitos dos homens evoluírem lentamente.⁶³ Lá começou a trabalhar como cozinheira para o árabe Nacib no Bar Vesúvio. Dessa relação entre cozinheira e patrão surge uma história de amor⁶⁴, e ao redor das questões que envolvem esse romance, Jorge Amado apresenta a figura feminina, por meio da própria Gabriela, como sujeito de seu próprio destino e não como um objeto de manipulação masculina.

⁶³ AMADO, 1975, p. 10-11. Essas informações são dadas por Jorge Amado, logo, nas primeiras páginas do romance. Contudo, essa introdução não vem com numeração nas páginas. Dessa forma, colocamos uma numeração de acordo com as páginas seguintes da obra.

⁶⁴ Nacib se encantou por Gabriela, logo na primeira noite que a viu, depois de tê-la contratado como cozinheira. A morena que estava com a cabeleira solta, negra e encaracolada. Vestida com trapos limpos, um pedaço da coxa cor de canela aparecendo, os seios que subiam e desciam levemente ao ritmo do sono e com um rosto sorridente (AMADO, 1975, p. 148). Isso despertou o desejo em seu patrão. Desejo esse que se intensificou durante as noites em que eles passavam juntos na cama dela, mas que se apaga no momento em que casam. Casamento que foi arranjado por Nacib, contra a vontade de Gabriela, que por medo de perdê-la, decidiu casar-se e assim dominá-la e tê-la somente para ele.

Podemos entender, segundo o pensamento de Ana Maria Machado, que Gabriela apesar de abrir essa nova fase, traz em seu corpo personagens já existentes em romances da primeira fase de Jorge Amado.⁶⁵

O foco continua sendo dirigido para a mesma economia cacaueteira que já tinha sido apresentada em diferentes aspectos em *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus* (a epopeia do desbravamento e conquistas das terras, a tragédia da exploração dos trabalhadores, o processo de urbanização e a chegada dos exportadores), agora incidindo sobre as transformações políticas e sociais da cidade de Ilhéus, o jogo de interesses da política estadual e da manutenção do poder da capital, o enfraquecimento do coronelismo. De certo modo, também se pode dizer que o romance prolonga *Seara Vermelha*, ao se abrir com a caminhada dos retirantes atravessando a pé o sertão, na tentativa de escapar da seca, chegar a uma cidade, procurar trabalho que permita sobreviver.⁶⁶

Gabriela faz parte de uma galeria feminina poderosa e, ao se inserir na cidade de Ilhéus, “ajuda a fundar uma dinastia feminina nova” em uma sociedade onde as mulheres que cometessem adultério, se fossem descobertas, seriam assassinadas pelo esposo traído que, mais tarde, quando fosse julgado, seria considerado inocente, um justiceiro que defende sua honra de homem e a mulher, a vítima, levaria toda a culpa, como se fosse uma criminosa.⁶⁷ Esse tipo de situação fazia parte da

⁶⁵ MACHADO, 2006, p. 85-104

⁶⁶ Idem, p. 92.

⁶⁷ Isso fica evidente quando, no segundo capítulo do romance, o Coronel Jesuíno Mendonça, homem respeitado e temido na cidade de Ilhéus mata Sinhazinha Guedes, sua esposa, uma formosura com quem se casou, sendo ela quase vinte anos mais nova que ele. Jesuíno a mata

realidade, era um costume local e os costumes, como sabemos, vêm acompanhados por um monopólio de certezas, que “sempre foi e sempre será assim”.⁶⁸

É nessa realidade que Gabriela se insere com seu corpo “livre, alegre, sensual, atraente”, naturalmente sedutor, “que exala prazer em todos os aspectos [...] (forma, cor, movimentos, cheiro, voz)”⁶⁹ e que corre “em aberto”, livre pelas ruas, “todo ele rebolado, ancas, peitos, cabelos e sorrisos postos em relevo”.⁷⁰ Essa sexualidade da morena, que se expressa em todos os momentos, se põe em contraste, e se confronta, com os corpos, das mulheres e dos homens, que eram “devidamente resguardados pelos valores que encobrem as vergonhas, codificam a sua sexualidade na trilha das oscilações de conduta: decoro ou lascívia, castidade ou depravação”⁷¹. Tais códigos eram desconhecidos por Gabriela, pois ela não apresenta características de pertencimento.

a tiros, junto com o amante Dr. Osmundo, um dentista novo da cidade. Após o assassinato dos dois a sangue frio, Jesuíno foi aclamado na cidade. “Unanimemente davam razão ao fazendeiro, não se elevava a voz – nem mesmo de mulher em átrio de igreja – para defender a pobre e formosa Sinhazinha”, pois na lei de Ilhéus “honra de marido enganado só com sangue poderia ser lavada” e outra lei não se conhecia para a “traição de esposa além da morte violenta”. Tal lei era antiga, vinda desde os primeiros tempos de cacau e “quando o júri se reunia para decidir sobre o crime de morte em razão de adultério: sabiam todos ser a absolvição unânime do marido ultrajado o resultado fatal e justo. Iam apenas para ouvir os discursos, a acusação e a defesa, e também na expectativa de detalhes escabrosos e picarescos, escapando dos autos ou da falação dos advogados. Condenação do assassino, isso jamais! era contra a lei da terra mandando lavar com sangue a honra manchada do marido”. (AMADO, 1975, p. 108-110).

⁶⁸ MACHADO, 2006, p. 94.

⁶⁹ Idem, p. 95.

⁷⁰ OLIVEIRA, 2011, p. 27.

⁷¹ Idem, p. 28.

Essa sexualidade que corre livre e mostra o aspecto de liberdade que Gabriela tem, dura por todo o romance, pois nem mesmo após seu casamento com Nacib isso muda. Apesar de o árabe tentar transformá-la em numa senhora que seguisse o exemplo da nata da sociedade, a morena mostra que ninguém poderia dominá-la.

Nacib tentou educar e controlar Gabriela, mas foi tudo em vão. Nas festas da sociedade, por debaixo das mesas, ela retirava em segredo os sapatos apertados e ansiava correr pela rua com o seu corpo frouxo. Confinada pelo casamento, a sua vida sexual com o marido definhou, ao tempo em que foi negligenciada a regra da fidelidade conjugal, quando “se deita” com seu Tonico. Traído e inconformado, Nacib providencia a anulação do matrimônio, passando a viver em boemias e farras, as quais não conseguiram apagar a saudade e a tristeza diante de sua perda amorosa. Desde então, somente voltará a ser feliz com Gabriela quando desiste, ele próprio, de obedecer às convenções. Após um tempo livres do contrato nupcial, retornam ao idílio de antes – o árabe e a cozinheira sua amante –, longe das amarras legais da sociedade e do sofrimento do ciúme⁷².

O desprezo e a insatisfação que Gabriela tem da vida de casada com Nacib, representam uma reprovação às regras morais, que não a regem, que ela desconhece e, que domina as mulheres da sociedade de Ilhéus. Seu desejo, não era ser a legítima esposa do patrão, ser banhada de presentes, ter uma casa dada por ele e nem mesmo ser sua amante exclusiva⁷³, pois ela não tinha

⁷² Idem, p. 29.

⁷³ Tais elementos eram utilizados para manter a mulher abaixo da autoridade e do poder masculino. Exemplo disso é encontrado no segundo capítulo do romance, “A solidão de Glória”, que narra a

ciúmes e não se importava “se ele sentisse vontade, podia ir com outra”. No princípio do romance entre os dois era assim e ela sabia. “Deitava-se com ela e com as demais. Não se importava. Podia ir com outra”⁷⁴. Para a cozinheira e amante de Nacib bastavam as noites quentes, com respiração ofegante, os pequenos mimos e presentes que recebia. “Contentava-se por demais com as idas e vindas a caminho do Vesúvio, carregando o seu tabuleiro de quitutes e ouvindo os gracejos dos fregueses”⁷⁵. Afinal:

Que pedaço tirava se Josué lhe tocava na mão? Se Seu Tonico, beleza de moço, tão sério na vista de Seu Nacib, nas suas costas tentava lhe beijar o cangote? Se Seu Epaminondas pedia um encontro, se Seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo? Com eles dormia cada noite, com eles e com os de antes também [...] nos braços de Seu Nacib. Ora com um, ora com outro [...] Era tão bom, bastava pensar.⁷⁶

Sabemos que existem muitos outros elementos presentes no romance e que mostram a figura de Gabriela como alguém que busca a libertação de elementos e regras que faziam da mulher um objeto de dominação dentro da sociedade machista e patriarcal de Ilhéus. Contudo fizemos apenas uma visão geral e mais resumida acerca dessa figura feminina que, com seu cheiro de cravo e sua pele cor de canela, traz em seu corpo livre, as lutas de

história da ex-prostituta, Glória, que “tirada da vida para ser a amante teúda e manteúda que o coronel Coroliano deixa encerrada como prisioneira na casa da cidade, à sua espera para quando vem da fazenda. Tem que ser fiel, obediente, estar disponível” (MACHADO, 2006, p. 94).

⁷⁴ AMADO, 1975, p. 233.

⁷⁵ OLIVEIRA, 2011, p. 28.

⁷⁶ AMADO, 1975, p. 233.

outras personagens que estão presentes nos romances anteriores de Jorge Amado e que influencia outras personagens do autor. Fizemos essa leitura da figura de Gabriela, porque dona Flor é fruto da elevação da figura feminina, causada por Gabriela, e é sobre ela, sobre seu corpo, que iremos nos debruçar agora.

O corpo de dona Flor: Inteiro como deves ser

Dona Flor é uma das mulheres que trazem em seu corpo o desejo de liberdade, característica que encontramos nas outras personagens femininas de Jorge Amado e que teve início em Gabriela, como mostramos acima. Entretanto, apesar de ser uma heroína, como as outras mulheres exaltadas por Jorge Amado, Flor é diferente. Ela não é igual à Tieta (do romance *Tieta do Agreste*), adolescente que é expulsa de casa pelo pai ao descobrir suas aventuras sexuais, mas que mais tarde retorna como uma prostituta, bem sucedida, para sua cidade natal. Tieta que se apresenta como dona de si, muda a história de sua vida e marca a de sua cidade, Santana do Agreste, se envolvendo na luta pela preservação de um mangue, contra uma fábrica, que traria progresso e poluição.

Também é diferente de Tereza (do romance *Tereza Batista Cansada de Guerra*), menina órfã que, depois de ser estuprada várias vezes por um fazendeiro que a comprou, aos treze anos, da tia, também se torna prostituta e se mostra como uma guerreira na luta contra uma epidemia de varíola e mais tarde quando parte à procura de seu amor, se prostituindo, “pois desdenha ser mantida por homens ricos que lhe oferecem proteção”⁷⁷. Dona Flor

⁷⁷ BELLINE, 2008, p. 32-33.

também não é igual à Gabriela, que transforma uma cidade inteira, colocando em xeque as leis locais e os costumes que oprimiam as mulheres.

Florípedes é uma mulher de classe média, bela e ajuizada. Professora de culinária baiana, cheia de preconceitos, incapaz de bigamia ou traição, mas que, no decorrer do romance, além de se opor as regras sociais e morais que estavam presentes dentro e fora de sua própria vida⁷⁸, nos mostra a necessidade de nos aceitarmos por inteiro. Podemos entender que em dona Flor não existe a recusa do ambíguo, pelo contrário, há uma busca e uma aceitação, feita conscientemente, de dois homens diferentes, que representam realidades diferentes e opostas da vida.⁷⁹

No capítulo anterior, destacamos as fases que marcaram a vida da bela e morena professora de culinária. A primeira, seu casamento com Vadinho, que entendemos como “noite, desejo e choro”. A segunda que traz as marcas da “alegria, segurança e vazio” e a terceira, momento em que ela se vê envolvida e dividida entre seus dois amores e onde faz a “escolha de não escolher”. Em cada um desses momentos, mais um pouco de dona Flor foi se abrindo diante de nossos olhos. Contudo, acreditamos que uma fase muito importante, para entendermos a ambiguidade presente em sua vida, é seu tempo de viuvez, no qual ela se encontra atormentada e confrontada pelos desejos presentes em seu corpo, que a influenciam, no final do romance, a tomar a decisão de ficar com seus dois maridos.

Essa fase se inicia, no final do segundo capítulo, quando ela decide abandonar o “tempo do nojo, de luto fechado”, que durou um mês, marcado pelas “memórias

⁷⁸ AMADO, 2008, p. 461.

⁷⁹ DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, 1997. p. 85.

de ambições e enganos” do tempo de namoro e do casamento com Vadinho⁸⁰ e se estende pelo terceiro capítulo, momento em que sente o luto aliviado e é aqui, em “seu recato”, na “sua vigília de mulher moça e carente”⁸¹ que encontramos uma dona Flor, que, começa a se dividir entre seu desejo e sua honra. Entre o espírito e a matéria.

O tempo de viuvez: O recato e a carência

A mulher que Jorge Amado nos apresenta nessa fase não é uma dona Flor menina e ingênua, como era quando se casou a primeira vez. Agora Flor já tinha quase trinta anos, era bonita, estava sozinha e poderia ser desejada por qualquer homem tentando obter suas “graças”.⁸² Contudo, durante esse tempo de viuvez, ela tinha decidido que não se envolveria mais com homem algum, em respeito à memória de seu primeiro marido. Tal decisão, apesar de não ter sido contestada por sua amiga Rozilda, seria contestada, mais tarde, por ela mesma quando se encontrasse diante de um suposto pretendente.⁸³

⁸⁰ AMADO, 2008, p. 47.

⁸¹ Idem, p. 193.

⁸² Idem, p. 216.

⁸³ Flor viu-se atormentada por um pretendente que ficava em sua rua, plantado “ao pé do poste elétrico como se ali houvesse criado raízes” (AMADO, 2008, p. 215), todos os dias a observando e paquerando-a. Foi esse homem que, um dia no cinema, sentado atrás dela, se inclinou e sem ela perceber lhe, soprou com “*voz feita de delicadeza*”, “elogios a seus olhos, a seus cabelos, à sua formosura” (AMADO, 2008, p. 221) e que reacendeu na viúva o desejo oculto/escondido, fazendo a sonhar com ele durante a noite, um sonho esdrúxulo, sem pé, nem cabeça. Contudo, o envolvimento de Flor com esse homem não passou disso, pois, mais tarde com a ajuda de Mirandão, descobriu-se que esse príncipe, como era chamado por Flor e por suas amigas, era na verdade “*Eduardo de Tal*”, um “passador de conto do vigário”, que vivia de

Essa contestação faz Flor pensar se “seria tão forte como imaginara” para manter “essa sua decisão de não casar-se, de viver em sossego, sem sair para uma nova aventura matrimonial”.⁸⁴ Essa preocupação da professora de culinária é algo compreensivo, pois como dissemos acima, ela não era mais uma menina, agora era uma mulher. Mulher que Vadinho tomou o corpo como “um brinquedo ou um fechado botão de rosa” e fez “desabrochar em cada noite de prazer”, fazendo dona Flor aos poucos ir “perdendo a timidez, entregando-se àquela festa lasciva, crescendo em violência, tornando-se amante animosa e audaz”. No entanto, ela nunca abandonou sua pudicícia e nem seu recato.⁸⁵

Nesse tempo de viuvez a tarefa de Flor manter seu recato se intensifica.⁸⁶ Ela acreditava que devido à sua condição de viúva, era preciso zelar e preservar pela imagem do falecido marido não se relacionando outra vez. Entretanto, com o passar do tempo, com ou sem a presença de um pretendente, Flor não tinha mais “um dia completo de repouso”, pois em seu peito ardia um fogo que a consumia⁸⁷, mas ela, fugindo desse desejo, jogava um balde de água fria em si mesma e em qualquer proposta que lhe fosse feita. Diante de qualquer elogio ou cantada, temendo por se perder, friamente seguia em frente como se não tivesse sentidos,

enganar bobos e que deveria estar ali para enganar alguém. (AMADO, 2008, p. 228-229)

⁸⁴ Idem, p. 218.

⁸⁵ Idem, p. 27.

⁸⁶ A viuvez, como diz DaMatta, “situa a mulher numa terra de ninguém. Não é mais moça, porque não é virgem; mas não sendo mais virgem, não pode sair à rua, porque não tem marido e pode ficar falada. Quer dizer, a viúva, [...] tem todas as desvantagens da moça solteira e da mulher casada”. (DAMATTA, 1997, p. 87)

⁸⁷ AMADO, 2008, p. 232.

[...] na busca de defender o seu recato contra ela própria: contra os errantes pensamentos, sonhos ruins, contra o desespero e árdego desejo, aguilhão em sua carne. Perdera o ‘perfeito equilíbrio entre a mente e o corpo’, necessário a uma vida sadia [...] ‘o justo acordo entre o espírito e a matéria’. Matéria e espírito em guerra sem quartel: Por fora, viúva exemplar em sua honra, por dentro em fogo a arder e consumir-se.⁸⁸

Com isso, Flor vivia uma vida dividida quando durante o dia, atarefada com os afazeres, conseguia “abafar os latidos de seu peito”, mas como ela poderia “conter-se e comedir-se nas noites sem defesa, ao sabor dos sonhos sem controle?” Com o passar do tempo, mesmo durante o dia, dona Flor começou a se entregar a esses “estranhos devaneios [...] o perigo era ficar a sós; logo invadida por uma coorte de lembranças; inclusive as mais líricas e inocentes a conduziam ao leito de ferro e fogo”.⁸⁹ Ela estava desesperada, ao ponto de confundir romances de adolescente, que estava lendo para passar o tempo, em romances pornográficos.

“Ninguém se dava conta de sua consumição maldita. Todos julgavam calma sua vida, sem problemas, cheia de interesse, mesmo alegre”, no imaginário do povo, principalmente dos homens, dona Flor era uma mulher de “natureza fria. Fria como um gelo, imune ao desejo”.⁹⁰ A professora de culinária era dia a dia crucificada por seu desejo. Isso a fazia sofrer, passava noites e noites sem sono, até que um dia, não pôde mais suportar e contou a verdade para dona Norma.

⁸⁸ Idem, p. 232-233.

⁸⁹ Idem, p. 233.

⁹⁰ Idem, p. 237.

“POR FORA HONESTA CONTINÊNCIA, por dentro poço de excrementos”. O desejo nascia dela, de seu peito, do silêncio, do devaneio, da solidão, do sonho. Sem motivo, sem ponto de partida, sem semente nem raiz. Nascendo dela – “de minha ruindade mesmo, Norminha” –, de seu corpo em febre, crescendo naquela carne estrumada de ausência, de penúrias, de maldições; ânsia plantada no esterco de sua danação:

- Estou danada, Norminha; não quero pensar e penso; não quer ver, e vejo; não quero sonhar, e sonho a noite inteira. Tudo contra a minha vontade, contra o meu querer. Meu corpo não me obedece, Norminha, o excomungado.⁹¹

Esse diálogo nos mostra que Flor enxergava o desejo que brotava de dentro do seu corpo como algo ruim.⁹² A atitude de tratá-lo como uma “ruindade”, “sem semente nem raiz” mostra que esse fogo que ardia, essa danação fazia parte dela, mas ela não o aceitava.⁹³

⁹¹ Idem, p. 250.

⁹² Notamos isso, nas recomendações, que ela faz a alguém, sobre o que oferecer a um “hóspede de requinte, de paladar esnobe, todo exigente, um artista, enfim, reclamando papa fina, quitutes incomuns, nada a lembrar o trivial” [...] “Mas, se vosso hóspede quer ainda caça mais supimpa e fina, se busca o non plus ultra, o xispeteó, o supra-sumo, o prazer dos deuses, porque então não lhe servir uma viúva, bonita e moça, cozinhada em suas lágrimas de nojo e solidão, no molho de seu recato e luto, nos ais de sua carência, no fogo de seu desejo proibido, que lhe dá gosto de culpa e de pecado? Ai, eu sei de uma viúva assim, de malagueta e mel, em fogo lento cada noite cozinhada, no ponto exato para ser servida.” (AMADO, 2008, p.194).

⁹³ Na tentativa de obter o, tão desejado, equilíbrio para seu corpo dividido entre a maldita matéria, “partida em fogo danação”, e o recato do espírito, Flor se sujeitou “durante duas semanas, às contorções mais absurdas” (praticou Ioga). Foi um total fracasso, pois em “vez de calma e de equilíbrio, obteve apenas cansaço, corpo dolorido e nem por isso

Diferente da amiga que após ouvir seu desabafo, e seu medo de ser vista como uma descarada e sem vergonha, traz conforto e paz para a vida da aflita professora. Dona Norma arranca de Flor “os véus do preconceito, de um falso luto apodrecido no desejo”⁹⁴, pois o que a bela viúva tinha, era falta de homem, afinal Flor era uma moça, não sofria de doença grave e não era “capada”⁹⁵.

Para dona Norma, Florípedes era uma “viúva supimpa” com “muito gabiru de olho aceso”, e ela não deveria negar ou apagar aquele desejo, pois se não estava dormindo direito, se não descansava e se não tinha sossego, é porque estava “com um fogo desgraçado lhe queimando o rabo” e isso não a fazia menos séria, como a própria Flor pensava de si. Pelo contrário, séria a morena era muito, pois se não fosse, com aquele fogo todo, “já teria aberto as coxas”.⁹⁶ Dona Flor era moça, nem tinha chegado aos trinta, o que tinha não era “doença e nem maluquice” e para resolver, existiam dois⁹⁷ remédios: “casamento ou descaração”. Se Flor fosse descarada, podia continuar viúva, vestida de preto e ir “dando por aí, a um e a outro, se divertindo, se desapertando”, mas como era séria, então tinha de casar, não havia outra coisa a fazer. O desejo de “viúva é tão vivo quanto o de donzela ou de casada”, novo casamento não seria nenhum insulto à honra de seu finado Vadinho, afinal “qualquer mulher pode prezar a memória do marido morto, e ser feliz ao

menos ávido e audaz em sua urgente precisão” (AMADO, 2008, p. 250-251).

⁹⁴ AMADO, 2008, p. 253.

⁹⁵ Idem, p. 251.

⁹⁶ Idem, p. 252.

⁹⁷ No romance, além das duas opções que citamos acima, Norma diz que Flor tem a opção de entrar para um convento, mas deveria tomar “cuidado com os padeiros, leiteiros e jardineiros, e com padres, para não cornear Deus Nosso Senhor” (AMADO, 2008, p. 253).

mesmo tempo, em companhia do segundo esposo”. Ainda mais ela, “dona Flor, cujo primeiro casamento fora tão insólito e nem sempre alegre, para não dizer pior”.⁹⁸

Dona Norma acreditava que Flor iria encontrar sossego e paz para seu desejo quando casasse outra vez, mas como mostramos no capítulo anterior, mesmo casada com Teodoro, esse desejo continua presente em seu corpo e se torna mais forte quando Vadinho, ouvindo os “gritos” do vazio do coração de sua esposa, retorna do além. Entretanto, mesmo sendo tentada por seu desejo com a presença do primeiro marido, Flor ainda tinha medo de ser vista como uma descarada e se antes, na época de viúva, ela já zelava por sua imagem e não se entregou as “imundícias” do seu desejo, agora estando casada, tendo que zelar pela honra de esposa e pela figura de Teodoro, a tarefa de se manter como uma mulher direita se torna mais obrigatória.

No entanto, é preciso destacar outra vez, que essa constante luta contra os próprios desejos fez a vida de Flor se tornar um campo de batalha, que não podia ser medido mais com o tempo do relógio, mas sim “um tempo de recusa e de desejo, longo e sofrido”⁹⁹ e que só chega ao fim quando Flor se entrega para Vadinho mais uma vez e decide, no final do romance, viver seu amor com os dois maridos.

Essa atitude de Flor mostra que o equilíbrio que ela tanto desejava só aconteceu no momento que o desejo parou de ser negado e combatido, e passou a ser enxergado como parte da vida. Ao aceitar seu desejo, superar seus medos e se entregar à sua vontade de viver uma história de amor com seus dois maridos, Flor encontra paz para seu corpo, e é sobre isso que iremos falar agora.

⁹⁸ AMADO, 2008, p. 252-253.

⁹⁹ Idem, p. 432.

O ambíguo que a torna inteira

Até o presente momento, tratamos de forma bem simples a aceitação que dona Flor faz de viver com seus dois maridos. Para nós, esse é o ponto chave do romance, pois é a partir disso que Florípedes se torna inteira como deve ser, e, assim como as outras personagens femininas da segunda fase de Amado, senhora de seu próprio destino. Nesse sentido iremos mergulhar um pouco em o que Vadinho e Teodoro representam e na importância dessa escolha, de não escolher, feita por dona Flor.

De um lado temos Vadinho, do outro Teodoro e no centro disso tudo, dona Flor. Vadinho é descrito no romance como “malandro, caloteiro, jogador, mulhereço, amigo da noite, capaz de trazer à sua honrada e amada esposa os maiores sofrimentos”. Entretanto, a essas características, que são aparentemente negativas e que, percebemos claramente no decorrer do enredo, dona Flor atrela recordações motivadas por seu amor a esse homem que, apesar de ser tão oposto, complementava sua vida. Assim entendemos, a partir do pensamento de DaMatta, que, o Vadinho das memórias de Florípedes, é diferente do da memória de suas amigas, pois o homem que a professora de culinária lembra é o que a faz ver todo um outro lado da vida e do relacionamento humano.¹⁰⁰

Acreditamos que Vadinho proporciona isso, porque suas características não apresentam simplesmente um malandro, boêmio e frequentador da noite, mas nos mostram e nos desafiam a viver ou conviver com um lado da vida, que é negado e desprezado, através de seu corpo carnalizador. Contudo, isso pode ser percebido de

¹⁰⁰ DAMATTA, 1997, p. 86.

forma mais clara no final do romance, no último capítulo, onde ele reaparece e esbanja toda sua “orgia corporal”.

Teodoro, como já afirmamos e fizemos questão de reafirmar, é oposto de Vadinho. Não era malandro, pelo contrário, um modelo para a sociedade. Homem sério, que tratava a esposa na palma das mãos e incapaz de ser infiel. Todavia, assim como o primeiro marido de Flor, as características do farmacêutico nos revelam algo mais além, pois se Vadinho é uma figura carnavalizadora, Teodoro representa o oposto e isso nós percebemos na sua maneira regrada de viver, principalmente sua forma de se relacionar com dona Flor, incluindo a vida sexual.

Se de um lado, nós temos o primeiro marido que esbanja sexualidade e erotismo exibindo todas as suas “proibidas (e formosas) indecências”¹⁰¹, que não aceita os corpos cobertos ou escondidos na hora do sexo, afinal “onde já se viu vadiar de camisola”, porque se esconder?¹⁰², mostrando assim a liberdade corporal, do outro lado nós temos o segundo, de sexualidade modesta, erotismo contido, que esconde seu corpo e o de Flor, apagando as luzes na hora do sexo¹⁰³, acreditando que, com sua esposa, a compostura e o pudor são fundamentais, até mesmo nas horas das relações sexuais, o prazer no ato sexual e a satisfação deveriam ser reservados para serem realizados com mulher da vida.¹⁰⁴

Essa diferença, também, é percebida nos dois na fase do namoro com dona Flor. Diferente de Vadinho que beijava a boca medrosa de Flor sentindo o gosto de medo e desejo da moça, revelando-lhe um mundo de prazeres proibidos, ganhando a cada noite mais uma parcela de seu

¹⁰¹ AMADO, 2008, p. 361.

¹⁰² Idem, p. 27.

¹⁰³ Idem, p. 288-289.

¹⁰⁴ Idem, p. 284.

corpo, seu pudor, de sua oculta emoção. Teodoro a beijava de forma mais comportada e diretamente nos lábios, levemente, e com sua forte boca, apenas tocava os lábios de Flor, que sentia um enorme desejo de mordê-lo, em um beijo de verdade.

Isso nos faz perceber a diferença entre os dois, pois enquanto Vadinho alegrava dona Flor através do calor que fluía de seu corpo, subia pelas pernas da morena e chegava ao seu rosto¹⁰⁵, oferecendo uma relação de festa e de vadiagem, Teodoro oferecia uma relação mais comedida, talvez fria, e controladora dos corpos. Vadinho se apresenta, como um corpo marcado “pelo gozo e pela ausência de limites”¹⁰⁶, que declara liberdade orgiaca confrontando assim as estruturas culturais e religiosas que limitam os corpos. Enquanto Teodoro se mostra como um corpo nos parâmetros cristãos, em que o caráter festivo precisa ser abandonado para que o arrependimento e a dor sejam manifestados para a expiação dos pecados.

São entre essas duas realidades que Florípedes se divide e não sabe com qual deve ficar, são esses dois lados da vida que a colocavam na dúvida de em qual lado seu corpo deveria viver: se na festa e na vadiagem ou se na vida regrada e casta. Foi em meio à essa luta, nesse tempo tão cruel (e delicioso)¹⁰⁷ que exigia sua escolha entre “o espírito e a matéria, entre a moral corrente e o apelo do amor, entre a virtude consagrada e a impudicícia sem medida” que a bela professora de culinária “quebrou-se em sua resistência e Vadinho iniciou a festa de amor no leito conjugal”.¹⁰⁸ Sobre isso, é interessante vermos o que diz Jorge Amado:

¹⁰⁵ Idem, p. 121-122.

¹⁰⁶ DAMATTA, 2008, p. 465.

¹⁰⁷ AMADO, 2008, p. 402.

¹⁰⁸ Idem, p. 433-434.

Devo confessar [...] que há algum tempo vinha eu desconfiando da capacidade de resistência dos sentimentos e preconceitos conjugais de Dona Flor: vacilava sua honra ao sabor da lábia de Vadinho e a testa ilustre do doutor Teodoro andava ameaçada. Assim não foi grande minha surpresa quando a honrada esposa mandou a honra para o diabo e entregou-se ao primeiro marido. Pensei, no entanto [...] que terminando o ato pecaminoso e tão agradável, Dona Flor, desonrada para sempre, entrasse em desespero. Podia então tudo suceder no final do romance, numa tragédia sem limites.

Qual não foi minha surpresa [...] quando, tendo fatigada dormido após o crime, ao acordar não revelou Dona Flor remorso, sentimento de culpa, nem desejos suicidas. Ante o segundo marido, aquele a quem devia obediência e lealdade, não se prostrou arrasada, pronta para o sacrifício, para pagar com a vida a traição infame. Nada disso: nem sequer suicida [...] disposta a se matar para assim poder, livre e purificada, seguir Vadinho para os mundos de onde regressara a seu chamado. Não, não se matou, não confessou o crime, não pediu perdão, não chorou lágrimas de fel, nada disso fez Dona Flor, a casta e honrada quando se viu adúltera pecadora.

E não ficou só nisso [...] pois vendo e admirando o segundo marido e medindo tudo quanto o diferenciara do primeiro, as vantagens de um de outro, com o doutor Teodoro naquela mesma hora – que devia ser a do remorso e a da tragédia – partiu em gozo amor, traindo com ele o moço Vadinho tão cheio de si, o seu primeiro.¹⁰⁹

¹⁰⁹ AMADO, 1972, p.34.

Essa atitude de Flor se entregar ao seu desejo desenhado em “Vadinho como um espírito paradoxal cheio de desejo que vem lhe propor aquilo que as almas do outro mundo jamais cogitam: sexo e amor desmesurados, luxúria e gozo carnavalescos” e mesmo assim buscar mais tarde, sem culpa alguma, coisa que espanta Jorge Amado, Teodoro que representava a vida “rotineira, previsível (em que pela primeira vez [...] tem dinheiro em poupança)”, nos mostra que dona Flor, possa ter chegado à conclusão de que, talvez não seja necessário uma criatura se dividir em duas, não seja preciso se dilacerar em dois amores e que o coração se dilacerar em dois sentimentos, controversos e opostos¹¹⁰, talvez não seja tão ruim, afinal “se há no céu um Deus em três pessoas e três pessoas num só Deus, porque não se poderia na terra fazer o mesmo?”¹¹¹

A resposta do romance é que, pelo menos na Salvador mágica de Jorge Amado, é possível conciliar formas exageradas, distantes e extremadas de vida. Que dois pode ser transformado em três desde que o elo entre eles seja explicitado e também transformado em ator. Pois o dois, quando dividido, não produz resto e por isso obriga dramaticamente a tomar partido; mas o três engendra um resto ou foco, inventa um outro elemento irreduzível à dualidade que institui a gradação e, fazendo nascer o elo hierárquico, restabelece o todo.¹¹²

Dona Flor escolhendo não escolher e ficando com os dois maridos, os dois amores, as duas realidades

¹¹⁰ AMADO, 2008, p. 424.

¹¹¹ DAMATTA, 2008, p. 466.

¹¹² Idem.

opostas em sua vida, toma uma postura contrária, como diz DaMatta, a “esse posicionamento condenado pela moralidade moderna fundada na opção”. Pois se essa mulher baiana tivesse enfrentado esse dilema, pelo qual ela passava, escolhendo um dos dois, ela simplesmente “repetiria o estado de infelicidade de suas ancestrais, confirmando como a mulher deve ser leal às normas inventadas para proteger a honra e o nome de seus pais, irmãos e maridos”.¹¹³

Jorge Amado, através de uma ironia carnavalizadora, mostra uma mulher que, educada para ser obediente, se transforma em sujeito de sua vida, se colocando como personagem central, vivendo uma relação de articulação em seu corpo, com dois outros corpos tão opostos entre si, mas, que a tornavam inteira e completa. “Em outras palavras, dona Flor lê a sucessão e a simultaneidade de seus dois amores, não só como conflito e oposição, mas principalmente como interdependência e complementaridade”.¹¹⁴ O problema de Florípedes não foi descobrir que dentro de si existiam desejos que se opunham, mas a questão era como lidar com eles. A sensação de desconforto que é gerada pelos descompassos não é desculpa para tratar, como ela mesma fez em certo momento, tudo o que estava dentro de si como uma porcaria ou algo maligno e pecaminoso. A questão central para isso é encontrar um lugar para essas coisas que estão desencaixadas dentro de nós, assim como fez dona Flor.

O que dona Flor nos mostra é que não bastou simplesmente adotar uma nova forma de viver reprimindo seu forte desejo sexual, tratando-o como algo que morreu com Vadinho e agora havia se tornado importuno. Pois ela também era carnavalizadora, afinal foi de tanto querer o corpo de Vadinho, a vadiagem, a vida sem regras e

¹¹³ Idem, p. 466-467.

¹¹⁴ Idem, p. 467.

certezas que fez o falecido marido retornar do mundo dos mortos. Contudo, diante dele e de Teodoro, a professora de culinária percebe que não poderia mais viver negando seu antigo jeito carnavalizante de levar a vida, que a fazia feliz apesar de tudo, e muito menos abandonar a segurança que ela tinha com o segundo marido. Assim, ela deixa Vadinho habitar em alguns lugares de sua vida e dessa forma, aceitando e reconhecendo a

[...] hierarquia de seus desejos, ela pode viver com mais honestidade e igualdade que os dois amores demandam. Mas, veja bem, um não sabe do outro, porém dona Flor, como uma consciência relacional, sabe dos dois e os critica com critério e equilíbrio. É preciso deixar vir à tona as pulsões da censura para que a liberdade que incomoda possa florescer.¹¹⁵

¹¹⁵ Idem, p. 468.

DONA FLOR: CORPO E PLURALIDADE

Introdução

Este terceiro capítulo é a parte final deste trabalho, o momento em que tudo o que foi apresentado, que surgiu e que se abriu encontra o grande desafio. Aqui o corpo que se apresentou sem amarras, e entregue aos desejos despudorados, será colocado diante das exigências e geometrias que o cristianismo tradicional e repressor faz. É necessário adiantar que o que este capítulo apresenta vai além de uma pura e simplificadora comparação entre o que é sublime e o que não é. Aqui o corpo da professora de culinária e o corpo “cristão” se devoram através de uma mistura, dando assim origem a um corpo totalmente novo. Ou seja, dona Flor, já misturada com os dois homens de sua vida, se conecta com as estruturas do

cristianismo. As autoras e autores, que foram de grande ajuda para a construção dessa reflexão até aqui, juntam-se com o pensamento de Mikhail Bakhtin e com a teologia feminista de Ofir Maryuri Mora Grisales e Nancy Cardoso Pereira. Pois esse autor, ao falar do baixo corporal, e essas autoras, que falam com muita propriedade dos corpos dentro da teologia cristã, foram indispensáveis para que o resultado dessa combinação pudesse ser compreendido.

Dona Flor e os dois caminhos: o sublime e o grotesco

Até o presente momento, mostramos como se deu a história de dona Flor e a escolha que ela fez de viver toda sua intensidade corporal, ao permanecer com Teodoro e Vadinho. Fizemos isso acreditando que, como dissemos, o corpo é o lugar onde o transcendente e o terreno se encontram e se relacionam, mas para que essa relação se dê de forma integradora, é preciso que o corpo seja vivido por inteiro. Contudo, essa opção de Flor, essa forma de viver, se opõe a tomada por setores majoritários do cristianismo, que durante toda sua história procurou, e ainda procura negar a sexualidade e o erotismo corporal, ou seja, negar uma parte do corpo, acreditando que esse é um caminho sublime, capaz de edificar quem anda por ele.

Encontramos na história de dona Flor essa maneira de viver, de negar seu aspecto corporal, seus desejos tentando seguir o caminho sublime, porém encontramos também o caminho oposto, o grotesco, no qual o desejo é vivido ardentemente, sem se importar com os valores morais ou até mesmo religiosos. Esses dois caminhos se cruzam na história da professora de culinária.

O caminho sublime

O cristianismo construiu o caminho sublime para ser o local por onde se deve caminhar, com o intuito de edificar a vida e chegar a Deus ou encontrar o transcendente. Nesse caminho, o corpo é vivido segundo a interpretação cristã, onde a materialidade corporal é algo demonizado. Tal concepção se inseriu no meio do cristianismo, com o passar do tempo graças à influência de conceitos vindos da filosofia grega e de ideias negativas acerca da materialidade, provenientes do gnosticismo.¹¹⁶ Essa visão acerca da materialidade corporal não está presente na tradição bíblica que compreende o corpo como “o sol em torno do qual gira o nosso mundo”¹¹⁷, tanto que a encarnação do Filho de Deus é vista como um ponto impar na antropologia cristã, pois em Jesus, Deus vive um corpo humano, fraco e mortal, sem esconder suas fraquezas e tampouco mostrar-se imune diante delas. O cristianismo nasceu da encarnação, do Deus que se faz gente, que é gestado no ventre da sua mãe e amamentado por ela, tornando-se íntimo de sua carne e se alegrando com seus carinhos.¹¹⁸ Contudo, essa visão se perdeu com o crescimento do cristianismo e assim o corpo se tornou uma cadeia, em que a real essência do ser humano, a alma, estava cativa.

¹¹⁶ MORA GRISALES, Ofir Maryuri. *"Las caleñas son como las flores"?: tensão discursiva sobre os corpos das mulheres protestantes de Cali*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. p. 27.

¹¹⁷ ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 32.

¹¹⁸ MARASCHIN, Jaci. Eros cheio de graça: o corpo e o amor de Jesus. In: *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 30, jun. 2006. p. 48-49.

Isso criou a concepção dualista de alma-corpo, onde a alma e o corpo são vistos como duas substâncias unidas, mas com atividades separadas. “A alma luta com o corpo. A alma tem as suas atividades autônomas e o corpo tende a tê-las também”.¹¹⁹ Criando assim uma relação de substâncias nunca harmoniosa e com isso:

O corpo ficou desprestigiado, ligado a matéria, ela própria desprestigiada também, e a alma com suas atividades ficou prestigiada. A alma manifestava-se pela vida intelectual e pelos atos de vontade, isto é, pela consciência. Acharam que somente a alma e suas atividades eram imagem de Deus. O digno do homem era sua consciência.¹²⁰

Segundo Mora Grisales, as mulheres foram as mais prejudicadas por esse dualismo, pois “tanto a filosofia grega, quanto o ascetismo pregado pelos gnósticos, levaram conseqüentemente ao desprezo pelas mulheres”, pois se o corpo passou a ser considerado negativo, e a mulher é o corpo, a lógica seria que a mulher passasse a ser tratada com negatividade. Afinal, para os “gnósticos a mulher, como símbolo do corpo, da sexualidade e da maternidade é identificada como natureza inferior e má”.¹²¹ Essa repudia ao corpo feminino tornou-se algo bem comum no meio do cristianismo que, majoritariamente masculino, contrariou todas as atitudes de Jesus, com relação às mulheres, que através de seus ensinamentos expressou um sopro de caridade tanto às mulheres quanto aos leprosos e “sobretudo a exigência

¹¹⁹ COMBLIN, José. *Antropologia cristã*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 81.

¹²⁰ Idem.

¹²¹ MORA GRISALES, 2011, p.27.

missionária de uma igualdade fundamental entre homem e mulher”.¹²²

Essa visão negativa acerca do corpo, principalmente o feminino, fruto do pensamento dualista e presente no cristianismo faz com que, no caminho sublime, seja necessário manter uma constante pureza do corpo, onde os desejos corporais precisam ser constantemente controlados.¹²³ Contudo, essa pureza e controle de desejos limitaram o corpo apenas ao âmbito sexual, fazendo com que ele fosse encaixado dentro de um mundo de regras morais, no qual, praticamente, todas se baseiam na moralidade sexual. O controle dos desejos e também das expressões corporais nada mais são do que formas específicas de mostrar que o corpo “não deve expressar-se mas antes reprimir-se” e quanto maior for a repressão do corpo, maior seria a proximidade de Deus e, de forma inversa, quanto maior for a expressão do corpo, maior a distância de Deus.¹²⁴

No caminho sublime, os corpos precisam ser controlados, não se expressarem. Precisam estar bem vestidos e comedidos, para que nada que incentive a sexualidade ou que transgrida a moral e os bons costumes seja exposto. No caminho sublime, não se deve andar descalço, falar palavrão, transpirar, ficar bêbado (a), arrotar, falar de boca cheia, cheirar mal, andar pelado (a), andar sem camisa ou de zíper aberto, usar drogas, e se possível não transar, mas se transar, que seja feito dentro dos valores morais. Também é muito importante viver sem falar dessas coisas, como se elas não existissem, ou

¹²² DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800*: uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. p. 468.

¹²³ MORA GRISALES, 2011, p.37.

¹²⁴ ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979. p. 183

como se as pessoas verdadeiramente fossem imunes a cada uma delas.¹²⁵ O corpo é compreendido como “algo rigorosamente acabado e perfeito. Além disso, é isolado, solitário, separado dos demais corpos”.¹²⁶

Encontramos o caminho sublime, a busca por aquilo que edifica, presente na vida de dona Flor durante todo o romance, tanto no relacionamento com Vadinho, como com Teodoro. O recato e a pudicícia sempre acompanharam a vida da morena, fossem nos momentos de “vadiar” com seu primeiro esposo, quando ela tentava cobrir seu corpo forçando o malandro a arrancar o lençol entre os risos¹²⁷ ou quando, no seu primeiro casamento casou-se de azul, porque não era mais virgem.¹²⁸ Durante sua fase como viúva, os valores morais também perseguiram dona Flor, forçando-a a não relacionar-se com ninguém, em respeito à memória do primeiro marido, fazendo com que ela negasse seu desejo, tratando-o como algo impuro que não a dava paz, permitindo-a apenas a ter qualquer envolvimento se fosse dentro de um relacionamento sério, o que aconteceu com Teodoro, que já começou o relacionamento com Flor a pedindo em casamento.¹²⁹

¹²⁵ BRABO, Paulo: *O sublime pela via do vulgar: A redenção e o grotesco*. Disponível em: <<http://www.baciadasalmas.com/2014/o-sublime-pela-via-do-vulgar-a-redencao-e-o-grotesco/>> Acesso em 17 Junho 2014.

¹²⁶ BAKHTIN, 1993, p. 26.

¹²⁷ AMADO, 2008, p. 27.

¹²⁸ Idem, p. 119.

¹²⁹ Alves, analisando a moralidade sexual protestante, e acreditamos que isso possa ser inserido no cristianismo em geral, nos diz que ela, “é regida por um princípio extremamente simples e que não permite ambiguidades” (ALVES, 1979, p. 175), afirmando que o sexo é permitido se, e apenas se, ele acontecer dentro do casamento, pois os atos sexuais ou de natureza sexual antes ou depois do matrimônio, são proibidos.

Contudo, acreditamos que os valores do caminho sublime, se fazem presentes de forma mais forte na vida de Florípedes, quando ela se casa com Teodoro. Homem monógamo, do tipo que não trai a mulher, pacífico, amável e era um modelo para a sociedade. Sua sexualidade não é algo exposto, seu corpo se esconde atrás de valores do caminho sublime, na hora do sexo, onde o pudor reina e fora dele, sempre usando pijamas para não expor seu corpo na hora dormir. Esses valores começam a fazer parte do cotidiano de Flor, que depois de um tempo se sente cansada e um enorme vazio se abre em seu coração, quando ela começa a sentir saudades de andar pelo caminho grotesco.

O caminho grotesco

Diferente do cristianismo que nunca se sentiu bem com o corpo, por causa da incapacidade de lidar com a sexualidade e com o erotismo¹³⁰, gerando assim um desprezo pela corporeidade e a negação da matéria, o caminho grotesco é um mergulho no corpo, mostrando que ele não é apenas um espaço de sexualidade e desejo, mas também é o único espaço onde os pensamentos, sonhos, esperanças e medos acontecem. Ele é “nossa única mediação com o mundo, com a natureza, com os outros e as outras que estão dentro e fora de nós”.¹³¹

O caminho grotesco é o oposto do sublime, pois ao mergulhar no âmbito corporal, ele não fala das coisas do alto, ele fala daquilo que é baixo, do que é desprezado por

¹³⁰ Maraschin, *apud in*: SOUZA, Sandra Duarte de. Liturgia e Sexualidade. (p. 235-250). In: CARVALHAES, Claudio (Org.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo - estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci C. Maraschin*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 235

¹³¹ MORA GRISALES, 2011, p. 15

não ser considerado edificante e através disso, expressa a força do material e do corporal destronando e renovando o mundo de concepções e estruturas formado pelo cristianismo, se chocando com a fé, os santos, as relíquias, os mosteiros, a falsa ascese, o temor da morte, o escatologismo e os profetas, que são elementos presentes na trajetória cristã.¹³²

Enquanto no caminho sublime, os corpos são controlados, evitando assim suas expressões, no caminho grotesco, nada se esconde. Nele os corpos estão em movimento, nunca parados. Jamais prontos e nem acabados, mas sempre em processo de construção, de criação, absorvendo o mundo e sendo absorvidos por ele¹³³, “pois o corpo grotesco não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado”.¹³⁴

Enquanto no sublime, busca-se o que edifica, para assim encontrar Deus ou o transcendente, no grotesco existe a busca, através de elementos que são totalmente contrários aos valores dos corpos bem ajustados e moldados. No caminho sublime, quem deseja ser edificado/a, precisa esconder seu corpo e assim esquecer-se da própria humanidade. Isso não acontece com o grotesco, porque tudo que o grotesco “faz é nos lembrar que somos gente de carne – gente com apetites, com secreções, com falhas e com deformidades”.¹³⁵

Enquanto na caminhada pelo sublime não se deve pôr os cotovelos na mesa, é necessário andar sem avançar as omoplatas ou balançar as ancas, “encolher a barriga, comer sem barulho e com a boca fechada, não fungar e nem raspar a garganta”, ou seja, “disfarçar as saídas”¹³⁶, no

¹³² BAKHTIN, 1993, p. 272.

¹³³ Idem, p. 277.

¹³⁴ Idem, p. 23.

¹³⁵ BRABO.

¹³⁶ BAKHTIN, 1993, p. 282.

grotesco é completamente o oposto. O caminho grotesco é trilhado por aqueles corpos que não respeitam a nada e a nada se escondem. Andam descalço, falam palavrão, transpiram, ficam bêbados, arrotam, mastigam de boca aberta, cheiram mal, expõem a sua nudez, não usam camisa, andam de zíper aberto, usam drogas e transam.¹³⁷

A repressão corporal impediu e impede uma maior aproximação do mundo, e assim gera um desconhecimento dos inúmeros prazeres e saberes escondidos, que estão esperando para serem descobertos, dentro do corpo. O corpo que já foi exposto a uma constante agressão, por parte de leituras e hermenêuticas, feitas a seu respeito, mas que permanece uma linguagem viva e pulsante que emite símbolos, que não foi silenciado pelo cristianismo, que transmite imagens, cria metáforas e que é capaz de ensinar pelos saberes e prazeres escondidos dentro de si.

Assim como o sublime, o grotesco sempre esteve na vida de dona Flor, mais evidentemente quando ela estava com Vadinho, antes e depois da morte. O desejo por aquilo que é “impuro” acompanhava a professora de culinária, fosse no namoro com Vadinho, quando seu corpo se ardia de desejo, no escuro da escada por causa dos beijos do malandro, durante o casamento quando na cama, ao “vadiar” com Vadinho, ela aos poucos ia perdendo a timidez e entregava-se “àquela festa lasciva, crescendo em violência, tornando-se amante animosa e audaz”¹³⁸, na viuvez quando o fogo ardente lhe queimava ou quando, mesmo casada com Teodoro, ela decide se entregar ao seu desejo impuro, indo para a cama mais uma vez com Vadinho.

¹³⁷ BRABO.

¹³⁸ AMADO, 2008, p.27.

O caminho plural

Analisando o que esses dois caminhos, e os dois maridos, representam, era de se esperar ou pensar que dona Flor faria a opção de apenas um modo de viver e no decorrer do romance, tudo indicava que ela iria escolher Vadinho e abandonaria Teodoro, para vivenciar toda a intensidade grotesca de seu ser, deixando de lado o caminho sublime. Contudo, Flor nos mostra que ela só seria plena e inteira, se vivesse com seus dois maridos, se os dois caminhos, o grotesco e o sublime, fossem trilhados ao mesmo tempo.

Na história de sua vida, Flor não teria como se conformar “com a paixão que exclui” e nem com “a ordem e a desordem que exclui a paixão”¹³⁹, tanto que ela não entende porque é necessário cada criatura se dividir em duas e nem porque o “coração contém de uma só vez, dois sentimentos, controversos e opostos”.¹⁴⁰ Por não se conformar, consciente ou inconscientemente, com posicionamentos já moldados, a professora de culinária se abre a uma opção inesperada, recebendo em sua cama os dois maridos, trilhando ao mesmo tempo os dois caminhos e sendo “novamente amada com fúria e prazer pelo Amor que a morte não matou” e “amada com cuidado e constância pelo Amor do outro”.¹⁴¹

Não tomando apenas um caminho, não negando uma parte do que ela é, pois como dissemos, Flor traz em seu corpo marcas do sublime e do grotesco, a professora experimenta uma relação integradora entre o

¹³⁹ PEREIRA, Nancy Cardoso. *Trindade*: para além de um amor mais que dois melhor de três (Dona Flor & seus dois maridos). Trabalho não publicado. p. 1.

¹⁴⁰ AMADO, 2008, p. 424.

¹⁴¹ PEREIRA, p. 2.

transcendente e o terreno, mostrando que o corpo é o único lugar em que essas duas realidades encontram espaço para se relacionarem.

“A obra literária é espelho e se espelha no que somos e vivemos”¹⁴² e a história de dona Flor e seus dois maridos, mostra através de “uma Fêmea agarrada ao sagrado”, buscando “viver o mais humano no mais sagrado”, negando o massacre de seu corpo; experimentando a realidade contínua da exposição à insaciabilidade de seu desejo, que não há como ser completo/a sem a realidade transcendente e muito menos sem a terrena. E que o corpo é o espaço e a possibilidade para a encarnação e a experiência do divino, onde carne e espírito se misturam.

Dona Flor nos mostra que, talvez, na intensidade do corpo não exista espaço para formas singulares, elaboradas perfeitamente com seus tamanhos e medidas, para se viver a integralidade daquilo que se é. “Até porque o corpo se impõe, se afirma, se rebela, escapa ao controle”¹⁴³ e mostra que não existe singularidade dentro dele, mas sim uma pluralidade que desfaz geometrias, abre espaços e janelas para relações.¹⁴⁴ Sendo assim, não há lacunas para exclusão ou negação. É preciso “relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar”.¹⁴⁵

Dona Flor desenvolve, através dessa história de amor uma relação que relaciona, mistura e junta, “paixão e lei, liberdade e controle, trabalho e malandragem, sexo e casamento, excesso e restrição, surpresa e rotina, ideal e

¹⁴² Idem.

¹⁴³ RIBEIRO, Lúcia. “Corporeidade como desafio teológico na América Latina” (p. 265-275). In: *Corporeidade e teologia*. Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.). São Paulo: Paulinas, 2005. 300p.

¹⁴⁴ PEREIRA, p. 1.

¹⁴⁵ Idem.

real, vida e morte”¹⁴⁶. Com isso, ela vive em seu corpo o exercício da pluralidade, revelando o plural dentro dela e também dentro de nós.

De todas as criaturas criadas por Jorge Amado, Florípedes é a “mais doce, mais suave e terna” e teve em sua cama dois maridos e a cada um deles se acomodou, “sendo como foram os tão diferentes um do outro”.¹⁴⁷ O corpo é um território perigoso para hierarquias e separações, pois ele é um espaço, no qual acontecimentos se processam de forma mágica e imprevisível. Afinal, não foi por algo mágico ou miraculoso que Teodoro tomou o copo com sedativo, que era para dona Flor, e assim caindo no sono o farmacêutico abriu espaço para dona Flor deixar Vadinho comer sua honra mais uma vez?¹⁴⁸

“Lutou dona Flor, mulher honesta, esposa digna, lutou com todas as forças”¹⁴⁹ para escolher apenas um dos amores que a dividia. A professora de culinária lutou, assim como o cristianismo que não tolera a pluralidade, mas prega fielmente e com todas as forças a ausência de espaços para a rebeldia do corpo, através de uma rigidez sem risos, que está intimamente relacionada com a fundação de edifícios religiosos, com a criação de liturgias e associada também com o sistema de poder na Igreja.¹⁵⁰

Lutou dona Flor assim como nós, vítimas constantemente esmagadas pelas exigências de sistemáticas teologias¹⁵¹, que tentamos viver por um

¹⁴⁶ Idem, p. 2.

¹⁴⁷ AMADO, 1972, p. 33.

¹⁴⁸ AMADO, 2008, p.434.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ COMBLIN, José. Cristianismo e Corporeidade (p. 7-20). In: *Corporeidade e teologia*. Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.). São Paulo: Paulinas, 2005. p. 13.

¹⁵¹ PEREIRA, p. 1.

caminho que faz dos nossos corpos apenas símbolos, mas que semelhante à professora de culinária, quebramos nossa resistência e iniciamos uma festa de amor, “proibida”, no leito de nossos corpos, mandando sem surpresa a honra e a busca sublime para o diabo, nos entregando aos amores e realidades proibidas de nossos corpos e sem remorso algum, sem nos prostrarmos, seja para o sacrifício ou seja para pagar com “a vida a traição infame”, voltamos para a realidade traída e em “gozo de amor”, traímos o lado proibido¹⁵², assim como fez dona Flor, quando se deitou com Teodoro, na manhã seguinte, após tê-lo traído com Vadinho.¹⁵³

Fazemos isso, porque o corpo não é espaço para um caminho, e quando vivemos, mesmo que seja durante muito tempo, negando uma parte daquilo que somos, o que é negado se revela e acaba aparecendo diante de nós intensamente, assim como fez Vadinho na cama de dona Flor.

A morena não nos guia a experimentar o transcendente e o terreno separadamente, mas nos desafia a experimentarmos ambos dentro de nossa dinâmica e de nossa realidade corporal, através de uma vivência que não busca o fora-mundo, e sim o contato com as dinâmicas da vida, o contato com o corpo do/a outro/a, que, face a face, nos toca em nosso “coração de carne”.

Porque não há como encontrar-se com Deus ou experimentar a realidade transcendente, através de atividades não corporais, pois é mergulhando no corpo, na busca daquilo que muitas vezes foi negado e considerado “impuro”, que se tem um encontro com uma realidade que nos completa e nos faz inteiros/as.

¹⁵² AMADO, 1972, p. 34.

¹⁵³ AMADO, 2008, p. 434-437.

PALAVRAS FINAIS

Escrever as palavras finais dessa reflexão é um grande desafio. Seria hipocrisia de minha parte dizer que tudo o que você leu até aqui, e que, assim espero, marcaram seu corpo, é uma reflexão que, nessas poucas páginas foi construída e que, agora ela está pronta. Acredito que no final de tudo, o que foi alcançado foi uma nova sugestão para se viver o corpo em uma dinâmica mais integral. Como acontece comumente em outras produções, o texto desse trabalho, não ficou como havia sido pensado. Pensei que cada parte desse livro pudesse ser controlada e separada por geometrias que, eu mesmo criei, tanto que, como apresentei nas palavras introdutórias ao trabalho, cada autor(a) foi encaixado em um determinado espaço, devido a reflexão que o(a) mesmo(a) propõe. No entanto, como alguns devem ter percebido, o corpo do texto não aceitou ser controlado, antes pelo contrário, foi ditando seu próprio crescimento, visitando e misturando as diferentes reflexões, para que

no fim de tudo, um corpo diferente, mas ainda novo, pudesse ser apresentado.

Essa sugestão que está apresentada aconteceu em três etapas. Na **primeira**, em que a história do triângulo amoroso foi contada, o que era essencial, pois para que você pudesse conhecer quem são as personagens e, de certa forma, se familiarizar com elas e com suas vidas, era necessário esse primeiro contato. Aqui descobrimos que dona Flor, a mulher em que tudo é construído ao seu redor, mas que também é construída e estruturada por esses diversos elementos que a circulam, é uma mulher esplêndida, forte e que “rema contra as correntes”, contrariando as regras da moralidade, no desejo de viver “uma inadmissível, porque impensável, felicidade com dois maridos”¹⁵⁴. Dois homens completamente opostos, mas que a completam e a tornam inteira como deveria ser. Nessa mulher não há separação. Antes pelo contrário, ela assume as duas dimensões de sua vida que seus maridos representavam, com os sentimentos e sensações que cada um possui, sem negar o ambíguo em seu corpo, mas assumindo o amor e a vida que os dois poderiam lhe proporcionar. Na **segunda** fase do trabalho o corpo feminino que Jorge Amado construiu, intencionalmente ou não através de seus romances, foi nosso objeto de análise. Tivemos a oportunidade de perceber que o corpo, que a literatura amadiana proporciona, é algo completamente livre, sem máscaras, eroticamente vivo, questionando e desafiando estruturas culturais e leis estabelecidas. A **última** etapa dessa reflexão foi a aproximação de nossa reflexão, e percepção de corpo desenvolvida, com o discurso de grupos majoritários do cristianismo. Isso nos permitiu perceber que dona Flor, apesar de ter se entregado aos desejos, apresentou em seu corpo valores semelhantes aos que se encontram no

¹⁵⁴ DAMATTA, 2008, p. 463

movimento cristão, através do que chamamos de “caminho sublime”, e que mesmo assim decide viver uma corporeidade plural em que o grotesco, completamente oposto ao sublime, também se faz presente. O que é contrário a tudo que o cristianismo, que sempre buscou fazer uma separação entre corpo e alma, não deixando que houvesse a mistura, sempre fez. Isso ocasionou em que ela experimentasse uma corporeidade sem separação ou hierarquias, mas pelo contrário, sem negar o aspecto negativo, Flor assume o que ela é e encontra os espaços para misturar, juntar e viver o aspecto sublime e grotesco do seu corpo. O que precisamos reconhecer não ser algo fácil, pois a maioria de nós foi moldada pela concepção que faz do corpo um terreno de separação e de luta, em que a “alma”, superior ao corpo, deveria sempre sair vitoriosa. Essa luta também acontece na vida de dona Flor, em determinados momentos seu corpo se torna um campo de batalha, mas uma batalha deliciosa, na qual a bela professora desfrutava ainda com culpa os prazeres dos dois caminhos que existem dentro dela: o caminho sublime e o grotesco articulados. Na história de amor entre Teodoro, Vadinho e Flor, Jorge Amado nos mostra que, talvez, a única forma de duas dimensões diferentes, como o transcendente e o terreno, relacionarem-se é se o corpo se tornar o centro da vida e se for vivido de forma integral. Foi assim com dona Flor. Seus dois maridos - um que volta do mundo dos mortos exalando sexo e vadiagem e o outro, vivo, preso dentro de inúmeros valores e pudores -, se relacionam, se articulam e, mesmo com suas tensões, fazem de dona Flor uma mulher completa, “como deve ser”.

Tudo isso nos mostra que, talvez, o corpo não aceite as formas singulares, elaboradas perfeitamente com seus tamanhos e medidas, para que ele seja vivido integralmente. O corpo não é espaço para singularidades, mas sim para a pluralidade que desfaz as geometrias,

permitindo outras janelas, outras relações. Sendo assim, não há lacunas para exclusão ou negação. É preciso relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar. Termino aqui o resultado de uma fase, um momento, de muitas indagações acerca de nossa relação com o corpo. Finalizo essa reflexão, ainda, na esperança de que essas palavras encontrarão espaço no seu corpo e terão espaço no seu mundo. Só assim essa reflexão será viva como o corpo de dona Flor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979. 290p.

_____. *Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala*. São Paulo: Paulinas, 1982. 216p.

_____. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. 188p.

AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio de Janeiro: Record, 1995. 395p.

_____. *Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 476p.

_____. *Gabriela cravo e canela*. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1975. 416p.

_____. *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972. 247p.

_____, 1912-2001. *Toda a saudade do mundo: a correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai: do exílio europeu à construção da Casa do Rio Vermelho (1948-67)*. João Jorge Amado (org.). 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012. 190p.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de Francois Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. 419p.

BELLINE, A. H. C. Representações do Feminino (p.26-39). In: *A Literatura de Jorge Amado: Orientações para o trabalho em sala de aula*. (org.) Norma Seltzer Goldstein. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 96p.

BRABO, Paulo. *O sublime pela via do vulgar: A redenção e o grotesco*. Disponível em:<<http://www.baciadasalmas.com/2014/o-sublime-pela-via-do-vulgar-a-edencao-e-o-grotesco/>> Acesso em 17 Junho 2014.

CARDOSO, Nancy. *Trindade: para além de um amor mais que dois melhor de três (Dona Flor & seus dois maridos)*, 3p. Trabalho não publicado.

COMBLIN, José. *Antropologia cristã*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 272p.

DAMATTA, Roberto. A mulher que escolheu não escolher (p.463-469). In: AMADO, Jorge. *Dona Flor*

e seus dois maridos: história moral e de amor. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 476p.

_____. *Dona Flor e seus dois maridos: um romance relacional* (p.69-96). In: DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.* Rio de Janeiro, 1997. 118p.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada.* Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 695 p.

FAMERÉE, Joseph. O corpo, caminho de Deus: A problemática. (p.13-32.) In: GESCHE, Adolphe; SCOLAS, Paul (Org.). *O corpo, caminho de Deus.* Tradução de Joshuah Bragança Soares. São Paulo: Loyola, 2009. 225p.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã.* São Paulo: Paulinas, 1989. 578p.

GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos: antologia de textos.* São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010. 256p.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional.* São Paulo: SENAC São Paulo, 2003. 321p.

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 151p.

_____. Muito prazer: notas para uma erótica da narrativa (p.21-56). In: MACHADO, Ana Maria. *Ilhas no tempo: algumas leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 174p.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994. 387p.

MARASCHIN, Jaci. Eros cheio de graça: o corpo e o amor de Jesus. In: *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 30, p.47-55, jun. 2006.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo: território do sagrado*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 285p.

MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo (Orgs.) *PEQUENO dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967. 278p.

MORA GRISALES, Ofir Maryuri. "*Las caleñas son como las flores*"?: tensão discursiva sobre os corpos das mulheres protestantes de Cali. 2011. 179p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, p. 23-30, out./dez. 2011.

PAZ, Octavio. *Conjunções e disjunções*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 136p.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; FONSECA, Hugo (Org.). *Teologias e literaturas 2: aproximações entre religião, teologia e literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. 212 p.

RIBEIRO, Lúcia. “Corporeidade como desafio teológico na América Latina” (p. 265-275). In: *Corporeidade e teologia*. Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.). São Paulo: Paulinas, 2005. 300p

SOUZA, Daniel. *Onde está seu irmão?*. Disponível em:<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/espiritualidade/2014/04/26/noticiasjornalespiritualidade,3241910/onde-esta-seu-irmao.shtml>> Acesso em 19 Junho 2014.

SOUZA, Sandra Duarte de. Liturgia e Sexualidade. (p. 235-250). In: CARVALHAES, Claudio (Org.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo - estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci C. Maraschin*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. 446p.

TADA, Elton Vinicius Sadao. *A Cruz do corpo: uma proposta de teologia da literatura a partir de Paul Tillich e Clarice Lispector*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. 156p.

TATI, Miecio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. 180p.